

Noyra Fonseca
Walkíria Martins
(Organizadoras)

Recortes da Residência Pedagógica *num* Ensino Remoto





UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Reitor
Vice-Reitor

Prof. Dr. Natalino Salgado Filho
Dr. Marcos Fábio Belo Matos



EDUFMA

EDITORIA DA UFMA

Diretor
Conselho Editorial

Prof. Dr. Sanatiel de Jesus Pereira
Prof. Dr. Luís Henrique Serra
Prof. Dr. Elídio Armando Exposto Guarçoni
Prof. Dr. André da Silva Freires
Prof. Dr. Jadir Machado Lessa
Prof^a. Dra. Diana Rocha da Silva
Prof^a. Dra. Gisélia Brito dos Santos
Prof. Dr. Marcus Túlio Borowiski Lavarda
Prof. Dr. Marcos Nicolau Santos da Silva
Prof. Dr. Márcio James Soares Guimarães
Prof^a. Dra. Rosane Cláudia Rodrigues
Prof. Dr. João Batista Garcia
Prof. Dr. Flávio Luiz de Castro Freitas
Bibliotecária Dra. Suênia Oliveira Mendes
Prof. Dr. José Ribamar Ferreira Junior



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS

Noyra Fonseca
Walkíria Martins

Recortes da Residência Pedagógica *num* ensino remoto

São Luís

EDUFMA
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Recortes da Residência Pedagógica num ensino remoto [recurso eletrônico] / Noyra Melônio da Fonseca, Walkíria de Jesus França Martins (organizadores). — São Luís: EDUFMA, 2022.

107 p.: il.

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-5363-164-9

1. Residência Pedagógica - Experiências Formativas. 2. Residência Pedagógica - Ensino Remoto 3. Residência Pedagógica - Formação de Professores. I. Fonseca, Noyra Melônio da. II. Martins, Walkíria de Jesus França. III. Título.

CDD 370.71

CDU 371.3

Ficha catalográfica elaborada pela Diretoria Integrada de Bibliotecas – DIB/UFMA
Bibliotecário: Maria das Graças Farias e CRB/13: 647/2010.

Criado no Brasil [2022]

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, microimagem, gravação ou outro, sem permissão do autor.

EDUFMA | EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Av. dos Portugueses, 1966 | Vila Bacanga

CEP: 65080-805 | São Luís | MA | Brasil

Telefone: (98) 3272-8157 www.edufma.ufma.br | edufma.sce@ufma.br



APRESENTAÇÃO

O exercício da escrita apresenta traços que dizem do autor e do seu tempo, têm o poder de aproximar sujeitos e contextos que se sobrepõem aos traçados de dores, alegrias, suspenses, conflitos, teorias, ideias, verdades, mentiras, ..., ditos e não ditos transfigurados em letras, palavras, frases, parágrafos, textos, reunidos aqui sobre a guarda de: **Recortes da Residência Pedagógica *num* Ensino Remoto.**

Confessamos que esse exercício de *recurtare* envolveu e removeu as dores de um tempo marcado pela pequenez de um vírus, carregado no seu ADN com mudanças projetadas mundialmente, logo nos primeiros três meses do ano de 2020.

O anúncio das contendas pela vida se misturaram aos sonhos e projetos de um ano novo. Como sonhar e caminhar em meio a fragilidade do suspiro no ar? Desse lugar indelével, nos colocamos a fazer educação por meio dos écrans.

Como registro desse lugar, a coletânea de textos, entre Cartas e Artigos, que aqui apresentamos, expressam o *recurtare* das experiências vivenciadas por estudantes do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, de professoras da Rede Pública Municipal de Ensino de São Luís e professoras pesquisadoras que integraram e colaboraram com as ações pedagógicas desenvolvidas no âmbito do Programa Residência Pedagógica, durante o período de 2020 e 2022.

Os escritos, em sua maioria em forma de Cartas, expõem de maneira singular as impressões de cada indivíduo num cenário caótico e desafiador, que se apresentava improvável diante dos obstáculos impostos pela pandemia do novo coronavírus. São escritos que dizem sobre as angústias e resiliência em formar-se e ensinar num tempo de ensino remoto. Dizem de como os estudantes e professoras se conectaram as crianças e suas famílias, que unidos pelos sentimentos de insegurança, alimentavam a Fé e o desejo de um tempo novo.

Mas, por que Cartas?

Por inúmeras razões.



Primeiramente, pela possibilidade de comunicação escrita à distância, ou seja, por permitir o diálogo entre o eu (quem escreve) e o nós (quem lê/ouve), numa relação de reciprocidade. Algo que foi experienciado pela equipe que participou da produção deste material, desenvolvido por meio de correspondência eletrônica, mais precisamente, de e-mails trocados semanalmente. Assim, parafraseando Bakhtin/Volochínov, essas Cartas são como pontes propelidas entre mim e os outros; palavras que lançam questionamentos, mas que buscam respostas na coletividade.

Outra razão, é que decidimos por um gênero textual que garantisse uma escrita intimista, fugindo da impessoalidade que vemos na maioria dos textos produzidos na academia. Entre outras coisas, sentimos a necessidade de compartilhar um material construído por muitas mãos, discutido por muitas vozes, escrito e reescrito a partir de vários olhares, pensado e repensado para muitas outras mãos, vozes e olhos.

Para nós, essa troca de experiência com os colegas traz certo consolo diante das situações adversas que enfrentamos diariamente em nossas salas de aula. Buscamos salientar nestas Cartas, nossas percepções acerca do magistério e suas implicações, bem como nos colocamos à disposição dos nossos pares para refletirmos juntos sobre erros, acertos, (des)encantos e (re)começos...

Como o sentido e significado da caminhada está nos encontros, foram preciosas as colaborações das professoras pesquisadoras que se juntaram a nós, no fazer e conceber o Programa Residência Pedagógica naquele período. Algumas das provocações e reflexões sobre a educação são apresentadas ao leitor em formato de Artigos.

Se conseguimos alcançar o nosso objetivo ou não, você nos dirá, pois certamente em algum momento desta jornada iremos nos encontrar para continuar esta conversa. Assim, acreditamos que este livro é apenas o começo de uma longa trajetória em busca de milhares de vozes que ainda permanecem cerradas atrás de portas, paredes e muros de escolas Brasil afora. Que nós, professores e futuros professores, sejamos embaixadores do diálogo em nossas salas de aula e também fora delas, abandonando a posição passiva na comunicação discursiva e passando à



compreensão ativa responsiva, estabelecendo uma comunicação direta com a coletividade.

Nesse sentido, desejamos que os textos se constituam em pretexto de diálogo, entre estudantes e professores. Passível às suas refutações, proposições e sugestões de novos *recurtares* sobre pensar e fazer educação em tempos de desvios de rotas na educação.

Noyra Fonseca
Walkíria Martins



SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| APRESENTAÇÃO..... | 05 |
| CARTAS | |
| Recortes vividos na formação..... <i>Bruna Silva</i> | 11 |
| Vivências no Programa Residência Pedagógica..... <i>Denise Miranda</i> | 14 |
| Carta aos professores e residentes, ou mais um manifesto do Saber, em não saber o Saber..... <i>Elisangela Amorim</i> | 18 |
| Do clichê "se faltar coragem, vai sem coragem mesmo"..... <i>Epha Silva</i> | 24 |
| O olhar da gestão escolar durante a pandemia: desafios e aprendizagens..... <i>Hélia Souza</i> <i>Manoel Edilton Ribeiro</i> | 28 |
| Reflexões de uma residente num contexto de pandemia: marcas, sentimentos e impressões..... <i>Hellen dos Santos</i> | 32 |
| Residência Pedagógica e a pandemia: algumas vivências..... <i>Lourrane da Silva</i> | 36 |
| História de um Residente..... <i>Luiz Cláudio Gomes</i> | 40 |
| Carta de uma professora em formação: esperando em tempos de desesperança..... <i>Maria Clara Cutrim</i> | 43 |
| Das lembranças que eu trago na vida... .. <i>Noyra Fonseca</i> | 47 |



| | |
|--|-----|
| Ensino Remoto: angústias de uma professora em formação..... | 53 |
| <i>Rayssa Magalhães</i> | |
| Aqui sou também Professora..... | 56 |
| <i>Renata Bastos</i> | |
| Uma carta para minha professora preceptora..... | 60 |
| <i>Sara Aroucha</i> | |
| Entre letras, amor e reflexão... .. | 63 |
| <i>Venâncio Pinheiro</i> | |
| A Didática no ecrã: o que o ensino remoto nos trouxe?..... | 69 |
| <i>Walkíria Martins</i> | |
| ARTIGOS | |
| Diversidade e Estilos de Aprendizagem: implicações e percepções na pandemia..... | 75 |
| <i>Evelyn Santos</i> | |
| O Discurso Científico e a Presença Subjetiva do Professor..... | 90 |
| <i>Lia Fonteles Serra</i> | |
| Diálogo com Cartas: a escrita reflexiva e intuitiva..... | 101 |
| <i>Noyra Fonseca</i> | |

Cartas



Recortes vividos na formação

Caros(as) colegas,

No início da minha caminhada acadêmica, a escrita fez e faz parte de um papel importante para o exercício da minha reflexão. Escrever é meu modo mais confortável de dizer algo que não tenho coragem de falar. A escrita de cartas entrou na minha vida desde muito cedo, aos doze anos, quando minha querida avozinha, comprava diários e me pedia para escrever o que acontecia no meu dia a dia. O mais inusitado é que meu irmão mais novo sempre quebrava o cadeado dos meus diários para ler o que havia escrito.

Quando decidi que faria vestibular para Pedagogia, tinha uma vontade imensa de aprender e principalmente de ensinar e já tinha como certa a decisão de ser professora. Passei muito tempo estudando e consegui a minha aprovação na universidade. Somente agora, neste momento, ao fazer o exercício de reflexão para escrita da minha história de vida, mergulhada em minhas memórias, é que pude perceber que a minha escolha não foi inconsciente e muito menos ao acaso. Foi fruto de uma ancestralidade que também se constitui em parte por docentes, avós, tias e mãe.

Lembro de colegas que conheci dentro da universidade e que caminham comigo até hoje. Nas experiências compartilhadas e nas lembranças que ficaram e ficarão. Lembro também do meu primeiro estágio de observação, que possibilitou o meu primeiro contato dentro da sala de aula e no cotidiano escolar das crianças. E eu registrava tudo, não sei se a regra se aplica a vocês, mas meu olhar parecia treinado a encontrar erros e falhas, e, tudo que observava parecia errado no meu conceito, que era tão limitado acerca do que acontecia naquele espaço.

Então, um momento especial aconteceu na minha vida quando estava no 4º período, na verdade, uma completa reviravolta: de início, o medo de não conseguir terminar o curso me veio à cabeça, mas com o apoio dos amigos e dos professores



que me confortaram e acolheram, iniciou-se a minha trajetória de estudante que se torna mãe durante a graduação. A maternidade veio como um curso complementar, um intensivo de muitas aprendizagens e de autoconhecimento.

Lembro-me de cada professor que entrava na sala de aula antes da pandemia da COVID-19, cada um com as suas singularidades e suas formas particulares de ensinar; e tantos outros que não fizeram tanta diferença. Mas devo dizer que me sinto arrependida de não ter aproveitado mais esses momentos em sala de aula. Queria poder voltar ao tempo, mas como isso não é possível, carrego lembranças de professores, suas manias e as palavras de quem orientou caminhos possíveis. Ensinar é, de algum modo, permanecer nas memórias.

Outro momento importante que aconteceu foi o meu ingresso no Programa Residência Pedagógica, que começou cheio de incertezas e de dúvidas, receio de como agir e de como fazer, contudo, prevaleceu a vontade de aprender. Aprender com o novo, aprender com os desafios. Como residente, meu maior desafio dentro do Programa foi buscar meios e formas de aproximação com as famílias dos alunos e conscientizá-los de que a educação não é papel exclusivo das escolas, mas um dever de todos nós inseridos nesse processo.

Pelas coisas que vivenciei, compreendi meu lugar, minhas condições e possibilidades que tinha, pela forma como passei a ver o mundo e pelos ensinamentos e reflexões trazidas ao longo do Programa. Lembro de uma formação oferecida em que a professora dizia que as aprendizagens são constantes na vida de uma pessoa, mas existem fatores que podem favorecê-las ou inibi-las. Essa frase me fortaleceu, mantive a minha mente aberta e não me deixei limitar pelos medos e inseguranças preconcebidas.

Finalizo, dizendo que o final do curso está sendo diferente da etapa inicial: o que antes era presencial está acontecendo de forma virtual. O fato é que tenho aguentado firme, mesmo diante das inseguranças frente a essas mudanças. Mantive meus propósitos e jeito de fazer. E a vocês agradeço a cada um que fez e faz parte desse processo e desta escrita, que faço no momento. Para terminar, deixo esse belíssimo poema da Clarice Lispector:



*“Sonhe com aquilo que você quiser.
Seja o que você quer ser,
porque você possui apenas uma vida e nela só se
tem uma chance de fazer aquilo que quer”.*

Com carinho,

Bruna Silva



Vivências no Programa Residência Pedagógica

Aos professores e residentes,

É com grande alegria e satisfação que escrevo esta carta para contar sobre minha experiência no Programa Residência Pedagógica (RP), que abrange os discentes da segunda metade dos cursos de licenciatura realizado pela UFMA, na cidade de São Luís do Maranhão. Por meio desta, venho compartilhar com vocês as motivações, tensões e expectativas que pude vivenciar durante os meses de participação e interação na escola-campo, na turma do maternal II, durante a pandemia de COVID-19.

Neste contexto de pandemia do coronavírus, escolas, centros de educação infantil, universidades e outras instituições de ensino precisaram suspender as atividades presenciais, como medida de responsabilidade pela preservação da saúde coletiva. Sendo assim, o estágio no formato remoto tem sido um desafio, pois a vivência dentro da escola acabou sendo adaptada. Essa mudança trouxe transtorno e desconforto para todos nós, pois tivemos que gestar novos hábitos de trabalhar na educação e em todo meio que nos cerca.

Esse cenário desafiador nos permite refletir sobre o quão difícil foi o processo de adaptação ao modelo das aulas remotas, visto que não estávamos preparados para o uso das tecnologias. No entanto, essas barreiras foram gradativamente superadas com uso de plataformas, aparelhos de celular, reuniões no formato remoto com as preceptoras, que utilizaram diversas estratégias para apoiar os residentes no uso dos recursos nessa nova realidade. E o estágio contribuiu de forma significativa para a construção de novos saberes docentes e práticas pedagógicas significativas. Permitiu refletir sobre a articulação das diferentes questões educacionais que envolvem estratégias metodológicas relacionadas ao uso das tecnologias digitais.

Por outro lado, o ensino remoto imposto pelo cenário pandêmico escancarou a falta de investimento na educação pública, exigindo a adaptação rápida de todos



os envolvidos nesse processo e, foi nesse contexto, que as dificuldades surgiram como: a falta de estrutura e condições de acesso às atividades remotas por parte de estudantes em diferentes contextos sociais, pois é necessário destacar que grande parte dos alunos e alunas ainda não possuem acesso à internet e computador em casa e, em muitos casos, nem mesmo a celulares.

Desse modo, o ensino no formato remoto provoca um aprofundamento das desigualdades de condições e exclusão. Soma-se a isso a dificuldade das famílias no acompanhamento das atividades escolares, sobrecarregadas que estão com as tarefas domésticas, manutenção financeira (muitas perderam seus empregos), a preocupação com a doença e mesmo as situações de luto. Nesse sentido, constatam-se diversos problemas práticos na rotina familiar e emocionais em que as propostas de educação a distância esbarram.

Nas escolas públicas, a presença de tecnologias ainda é uma realidade pouco presente, visto que o investimento em educação nos seus vários setores ainda é muito aquém do que deveria. Devido à falta de infraestrutura, muitas escolas foram impossibilitadas de retomar as atividades durante a pandemia justamente por não estarem adequadas, encontrando-se sem a mínima condição de funcionamento.

Com todas as dificuldades e desafios que a pandemia trouxe, a RP tem me proporcionado momentos de aprendizado e de experiências de grande valor, oportunidade de observar como a escola e os professores lidam com esses desafios que surgem no ensino remoto, vivenciar o ensino à distância, explorando as tecnologias digitais, compartilhar e socializar as experiências desse ensino com a professora preceptora e adquirir segurança para atuar de forma mais autônoma.

Esses momentos que vivenciei na RP me fizeram refletir sobre a minha formação e atuação como profissional da educação. Que tipo de profissional quero ser? Como posso melhorar minha atuação com as crianças, principalmente no que se refere ao processo de aprendizagem?

Na RP obtive experiências que me proporcionaram vários tipos de aprendizado e me permitiram ganhar mais conhecimento. Como eu ainda não tinha tido contato com crianças de creche, pude refletir sobre a minha prática em sala de aula e ver a educação infantil com um olhar mais acurado, aperfeiçoar dessa forma as minhas habilidades para lidar com as situações diferenciadas que acabaram surgindo nesse momento pandêmico.



Nesse sentido, a RP reforçou o papel formador que a escola e os professores experientes possuem, acrescentando qualidade ao meu processo formativo. Apesar de ter sido um estágio de modo remoto, totalmente diferente do estágio presencial, contendo diversos desafios, as expectativas foram atingidas: oportunidade de trazer novas ideias para a escola; auxiliar a professora; trocar experiências e conhecimentos. Portanto, o resultado foi bastante positivo, pois aprendi a dominar a tecnologia durante as aulas remotas, o que se mostrou absolutamente necessário. Em pouco tempo, tive que me apropriar de recursos, criar atividades e selecionar as melhores ferramentas para as aulas. As aulas remotas deixaram ainda mais evidente que era preciso investir em novas metodologias de ensino para conquistar o engajamento da turma. Ficou claro que a tecnologia está cada vez mais presente em nossa profissão e também na vida dos alunos e alunas, por isso temos que buscar formações para este novo modelo de ensino.

Aos residentes e professores que estão vivenciando esses momentos e que não cessaram esforços para continuar ministrando suas aulas, em meio uma pandemia como esta, quero dizer que este momento trouxe oportunidade de recriar e fazer um novo modelo de ensino, criando e adaptando atividades, projetos com o pensamento em desenvolver tudo com ferramentas digitais.

A utilização de equipamentos como computadores conectados a internet e às diversas ferramentas disponíveis como textos, vídeos e imagens é uma ótima opção para despertar a atenção dos alunos e alunas. Mas, infelizmente, a pandemia escancarou o abismo do acesso às ferramentas educacionais entre estudantes de realidades socioeconômicas diferentes. Ficou evidente, diante da necessidade do ensino remoto, que os estudantes de escolas públicas não têm fácil acesso a tecnologias da informação e comunicação.

Acredito que não foi um ano perdido, pois os professores tiveram de buscar alternativas muito diferenciadas para garantir a melhor qualidade possível. E isso leva a uma explosão de criatividade. A pandemia evidenciou que, sem aulas presenciais, os estudantes dependem muito de si mesmos para manter uma rotina de estudos, realizar os exercícios e, em certa parte, também aprender por conta própria. É certo que todos estarão mais abertos a incorporar novas tecnologias ao processo de ensino e de aprendizado. Deixo aqui meu relato sobre as minhas



experiências no ensino remoto e na RP durante a pandemia do COVID-19. Que a leitura desse relato possa nos fazer refletir durante e após esse período pandêmico.

Abraços,

Denise Miranda



Carta aos professores e residentes, ou mais um manifesto do Saber, em não saber o Saber

De todas as formas de aprendizagem, a experiência de “Conhecer” é a mais desafiadora delas. Essa construção de si em torno de algo maior, na incoerência entre o anonimato de ser estudante e tornar-se potencialmente referência para alguém, é assustadora.

Destarte, a confusão que embriaga o mundo envolto em um momento distópico: recomeçar ou começar? Em que ponto parei para recomeçar ou até onde cheguei para prosseguir? O que parece confusão de palavras, na minha cabeça, nada mais é que confusão de sentidos. Conflitos internos que gritam para a realidade que me espera, para o futuro que me aguarda. Nesse momento todos os teóricos são tão necessários, mas tão imprecisos, que ao recorrer ao meu eu, eu fujo. Será que sirvo de mim mesma e desvendo do que sou capaz? Será que da minha fraqueza e da minha inquietude surgirá luz? Ainda não sei, estou em processo. Processo de luto, pois escrevo esta carta enquanto a pandemia de 2020 ainda castiga e ceifa milhares de vidas. Estou em processo de aceitação para entender que escolhas erradas podem afetar milhares de pessoas inocentes, vulneráveis e minorias. Fica como lição para as gerações futuras que cada um faz parte de um todo e que para liderar um país é necessário conhecer suas rachaduras e não as destruir. Conhecer seus futuros líderes e principalmente seus discursos. Recordo-me de Foucault e poderia citá-lo, citação que acabo de fazer somente por escrever seu nome, e me pergunto: será que o meu Saber será útil para alguém, assim como o Saber de Foucault é útil para mim?

E por essas questões, repito que ainda estou em processo. Em processo de reparação. De reparação por punir-me demais. Não mereço isso, meus filhos não merecem isso, minha mãe não merece isso, meus alunos não merecem isso. Busco conhecer-me melhor para então, dentro de mim, costurar meus retalhos, moldar minha alma àquilo do que sou capaz e assim fazer meu melhor. Mas repito, estou em processo.



Estou em processo de reconhecimento da vida, da brevidade que com ela finda...

Estou em pânico. Sim, ela finda. Hoje, com um abraço, um carinho, um beijo. O infinito que reconheci como status se mostrou tão instável ultimamente que pensei que não sobreviveria à minha própria ausência.

Não fui eu por um breve tempo. Digo isso, porque senti uma quase morte e até aí me senti inútil. Neruda deixou seus últimos poemas para sua amada, e eu, o que deixaria para meus filhos, meus amores? Desconhecia qualquer genialidade ou expertise que pudesse transmitir para eles. Naquele momento eu só via escuridão.

Fui envolvida por um medo incomum e uma solidão contínua que só em mim tinha abrigo. Quase morri em mim. Quase. Porque como eu disse, ainda estou em processo.

Do processo de escuridão para a evolução desta alma retalhada e costurada, aliás, eu não disse, mas essa escuridão faz morada em mim de forma latente, insistente, e sempre tentei contê-la sozinha. Entendi que sozinha, não podemos nada. Somos feitos de partes. Saber pedir ajuda também é um processo, saber ouvir, saber aceitar, entender que nem tudo é suportável, é um processo.

Reconhecer minhas vulnerabilidades foi um grande passo. Falar com os outros sobre meus problemas e como me afetam também. Saber o que me destruiu no início de tudo não me fez reviver as dores daquele momento, fez-me entender por que estou sentindo isso agora e a partir daí começar outro processo. Meu processo de Reconhecimento.

E não me perguntem o que aconteceu lá atrás, pois para que fique bem claro, daria uma outra carta! Não sobre relatos e saberes, mas sobre dores e renúncias, dali faço apenas um recorte para os saberes adquiridos em fases da nossa vida.

Então retomamos.

Reconhecimento. Pouco antes da Pandemia, a faculdade era meu refúgio, mas, pasmem, não a sala de aula onde deveria estudar. Mas o cantinho que ficava reservado para mim. Era meu e daquela figura mágica, aquele quase elfo, quase uma entidade, sem nenhum cunho religioso, mas devota de admiração.

Mas antes vou explicar. Sabe aquela escuridão que falei, que voltou durante a pandemia? Sim. Era. Na verdade é. É a depressão. E não falar dela é não falar de mim, porque quando aparece, promove uma revolução emocional que não afeta



somente a mim, mas a todos que estão em volta. Então falar sobre isso hoje é reconhecer meu estado emocional e respeitar minhas privações e meus limites e, quem sabe, poder, mais à frente, compartilhar com vocês.

Mas hoje não muito. Como vocês já sabem ...

Enfim, sobre o elfo. Em decorrência da minha quase desistência do curso de Pedagogia, a Coordenação juntamente com alguns professores se mobilizaram para me resgatar da condição onde estava e fizeram um plano de estudos que se resumia à aplicação de avaliações e encontros semanais para explicação da disciplina, onde as professoras ficavam depois das aulas regulares para me ensinar. Vou repetir. Elas ficavam depois das aulas regulares, ou seja, depois das 17h30 até às 19h somente para complementar minhas aulas. Logo houve comoção da turma regular, que julgava a atitude como um privilégio.

Muitas vezes quis desistir, mas elas nunca deixaram. Quase fui para o abismo novamente. Mas elas foram vorazes e se empenharam para que eu não desistisse, pois já tinha reprovado todo o 1º período e poderia perder a vaga na faculdade. Não queriam que eu fosse julgada sem que a turma soubesse o real motivo daquela intervenção. Mas de nada adiantou. Continuaram as reclamações e para acabar com a discórdia, fui para uma aula. Nesse dia meu filho não teve aula e tive que levá-lo. Ele tem TEA e quando chegou à sala e viu que tinha muitas pessoas, não quis entrar.

Agradei culposamente por aquele momento. Pois também quis gritar. Ficamos eu e ele abraçados no corredor, acho que nos confortando e em silêncio dizendo um para outro: "ei, eu te entendo!"

Mas não se enganem, nada mudou no pensamento da turma. E esse não é o caso aqui. Nem o motivo de eu estar escrevendo sobre ele. O motivo é o que aconteceu comigo durante e depois disso. Lembram da professora? Ela não desistiu. Apesar das impossibilidades que a amarravam, ela não desistiu. Ela poderia simplesmente deixar para lá. Mas ela não desistiu. Na verdade, ela viu algo que eu não enxergava em mim naquele momento. Ela saiu da zona de conforto e veio para meu mundo, de onde eu pudesse enxergá-la, de onde eu pudesse entendê-la.

Reconheci ali o que é docência. Reconheci-me nela.

Dito isso, retorno ao tempo atual, e sobre o que discorre a minha atual condição. Entrei em depressão durante o período de pandemia, tentando não alertar minha mãe e meus filhos sobre meu estado. Tive Covid. Fiquei com 60% do pulmão



comprometido, tive medo e ainda tenho. Perdi parentes próximos. Meu filho mais velho recaiu na depressão também. Foram dias difíceis. E durante esse período, mais precisamente no segundo semestre de 2020, as aulas retornaram. De forma emergencial, o ensino híbrido foi adotado como padrão para a Universidade com aulas assíncronas e síncronas, sendo as síncronas transmitidas por videochamada no aplicativo de reuniões escolhido pela Universidade.

Durante esse período me inscrevi para o Residência Pedagógica. Quando saiu a lista, vi meu nome como excedente e não esperava muito na verdade. Porque além disso ainda seria como bolsista voluntária. Situação pouco apreciada para muitos, principalmente para quem está desempregado e vivendo de auxílio emergencial. Repararam que tudo é emergencial? Que nada é permanente? Enfim, pensei: não conseguirei. E não consegui mesmo. Naquele período, não!

A convocação chegou em junho de 2021. E junto o receio de falhar. De não dar conta.

Reconhecendo que nada sei sobre docência e nem sobre como reger uma aula, enfrentei meus medos e aqui estou. De alma livre, cabeça aberta, confessando abertamente que tudo para mim é novo. Desde as aulas remotas e o reconhecimento de vulnerabilidade das crianças dessas escolas até a empatia com os familiares dessas crianças, porque também sou mãe e dependo do Município e do Estado para educar meus filhos e espero o melhor deles e ensino meus filhos a darem o melhor de si, até a minha condição humana. Porque eu estou passando por um processo.

Um processo de descobertas. De descobrir meu potencial, até onde minhas experiências podem agregar para esse novo desafio, até onde minha orientadora e preceptoras entenderão e irão acolher minhas estratégias ou se entenderão quais são elas. Se meus alunos irão gostar de mim. E isso é uma tormenta na cabeça de uma pessoa ansiosa.

O que quero dizer com tudo isso é o seguinte: é preciso entender que não sabemos o que pode acontecer, porque agora, tudo é realmente novo. Somos a primeira turma de residentes em trabalho remoto, com aulas remotas em caráter emergencial, e sabendo disso, é importante dizer que tudo que fizermos será inovador, pioneiro, será criado ou ressignificado para se adaptar às novas condições de práticas de ensino. Novas metodologias, e vou dizer, isso assusta.



Vocês entendem que não há mais as vozes das crianças no fim da aula dizendo “tchau tia” ou “tchau tio”, muitas vezes com um beijo saudoso? As vozes não se juntam em coro. Elas estão solitárias e condicionadas a áudios soltos. E cabe a nós sabermos nos colocar entre esses espaços vazios. Porque eu não sei vocês, mas eu já estive nesses lugares vazios e não é um lugar muito bom de se estar.

Afinal eu ainda estou em processo, e acho que posso ajudar.

Mas vejam bem, não me culpem por essas linhas. O que vem a seguir é uma confissão!

Não nego que durante esse processo, furtivamente apropriei-me de algo daqueles que me acolheram, e assim como Neruda, mais uma vez Neruda, tomei para mim o brilho cadente de algumas pessoas. Embalei minhas experiências e percepções, e sendo atrevida, claro que intimamente e na visão utópica da minha construção, retirei seus títulos. E como uma simbiose construo-me a partir delas.

Atento-me, somente, às suas essências!! Afinal, nada posso ter senão aquilo que me é ofertado ou permitido.

O que quero dizer com isso? Ora, nada além do que já disse.

Estou em processo.

Processo de construção. O que faz parte de mim, e o que eu sou, advém do que eu fiz com o que aprendi. Sou pessoas e pessoas. Sou Patrícia, sou Noyra, sou Walkiria... Sou Neruda, sou Foucault, sou Venâncio, sou Elis.

Sim, a construção de si é um processo gradual, mas importante! A construção de um indivíduo em nuances didáticas, entre teorias e possibilidades é o que me molda. Minha *matéria-prima*. Meu “ser” Residente é algo além do que posso descrever. Já fui Alice, que ainda sem saber que caminho tomar, encontra o gato para lhe fazer pensar, repensar ou apenas retomar caminhos, ideias.

“Torna te necessário para alguém”! Um filósofo estadunidense escreveu certa vez...

Entendam que para se construir algo é necessário dedicação, um pouco de tempo, um pouco de empatia, um pouco de si.

Vejam que não é muito, é pouco! Então cabe. Seja onde for.

E nessa vertente, espero que minhas crianças, digo “minhas”, porque agora também fazem parte do meu processo de construção, que elas tomem para si um pouco de mim.



Que já se tornou uma mistura de tudo que sei, de todos que encontrei.
Que elas bebam do meu brilho, que se alimentem do meu saber.

Que sejam Lobato quando estiverem de férias, mas que também sejam Elis,
quando chegar o verão.

Elisangela Amorim



Do clichê "se faltar coragem, vai sem coragem mesmo"

Você já parou para pensar em quantas coisas de que já desistiu ou nem chegou a começar por falta de coragem? É curioso o que o medo faz conosco. Mas também é interessante pensar que até desistir de algo é corajoso, tudo vai depender do ponto de vista. Mas esta carta não irá tratar sobre desistir das coisas, mas sobre continuar, mesmo não acreditando tanto em si, ainda que exista aquela pulguinha atrás da orelha se vai dar certo ou não, se você está indo bem. Tudo é carregado de possibilidades e nossas escolhas podem levar às que nos farão, ou não, felizes. Ao escrever essa carta, pensei em diversos momentos em que me senti corajosa e eles com certeza não caberiam em poucas páginas, porém aqui irei tratar sobre o processo de ingresso e permanência no Programa Residência Pedagógica (RP), dos conflitos internos que tive, expectativas e sobre coragem e também a ausência dela. Espero que faça sentido para você, que você se veja um pouco nos medos e angústias que pessoas inseguras, como eu, vivenciam.

O meu processo de ingresso no Programa Residência Pedagógica, mesmo eu tendo feito minha inscrição, foi uma surpresa. Particpei do PIBID de 2018 a 2020 e sabia sobre a RP e, assim que o PIBID encerrou as atividades, aguardei o momento de me inscrever, mas com a chegada inesperada da pandemia o início do Programa foi adiado. Quando reaberto, decidi me inscrever. No dia seguinte, fui viajar e ainda em viagem saiu o resultado preliminar e fiquei entre os excedentes, o que me deixou um pouco triste, pensei que eu não era boa o suficiente, nem meu currículo ou coeficiente de rendimento. Geralmente o resultado preliminar não sofre alterações para o final, então eu concluí que não iria participar do Programa desde o seu início. No entanto, para minha surpresa, depois de o coordenador do curso enviar um e-mail que dizia aos voluntários do Programa para não perderem o prazo de inscrições e quando decidi ver se estava como voluntária, constatei que iria participar do Programa desde o seu início.



Assim como no PIBID, na RP as ações demoraram alguns dias para serem iniciadas, a participação nos dois Programas me permitiu fazer algumas comparações com relação às semelhanças e distinções entre eles.

Iniciadas as reuniões para apresentação do Programa e do núcleo dos membros da pedagogia, comecei a enfrentar alguns problemas pessoais, que, somados à ansiedade, aos ataques de pânico, à pandemia e as situações que muitos passaram a vivenciar com ela, era como se tudo que acontecia na minha vida tomasse uma proporção muito maior e, em certos dias, eu não conseguia fazer nada. Assim, acabei perdendo algumas das formações que foram ofertadas pelo Programa.

Apesar de tudo isso que passei, nunca comentei nada para minhas preceptora e docente orientadora e, mesmo me sentindo mal, ia levando, mas conversando com algumas colegas que também participam do Programa, expondo minha situação e ouvindo o que tinham a dizer, decidi continuar.

Tivemos uma reunião na qual pensei em falar sobre minha vontade de sair do Programa devido às dificuldades que estava enfrentando, mas não consegui. Sabe quando você quer dizer ou mesmo fazer algo e não consegue apesar de não existir nada físico que te impeça? Eu me senti assim e até pensei em ter essa conversa depois, no entanto nunca cheguei a falar nada e continuei no Programa. Posteriormente, consegui ir resolvendo minha vida aos poucos, fazendo pequenas mudanças na rotina e pedindo ajuda com coisas que não conseguia realizar, tentando coisas diferentes para sair da apatia em que me encontrava e isso foi dando certo, consegui conciliar o Programa com a rotina que tinha.

Aproximando-se a data de encerramento do primeiro módulo, o grupo da escola de que eu faço parte (até a escrita desta carta) participou de uma reunião com a preceptora e nessa reunião foram divididos os alunos por residente, foi tratado ainda sobre a continuação dos residentes no Programa, questionando se alguém tinha interesse de não prosseguir. Nesse dia, mesmo com vontade de dizer que não queria mais continuar, não tive coragem de me pronunciar. Sabe quando as pessoas dizem para vestir a camisa de uma empresa na qual se trabalha? (apesar de não concordar com isso de vestir camisa de empresa) tudo que eu vinha passando me impedia de “vestir” a camisa do Programa, eu não me sentia inserida e isso me incomodava. Até culpava-me por estar ocupando o lugar de alguém que poderia desejar muito ter participado e pensei em falar com a preceptora posteriormente, depois da reunião



sobre minha desistência, mas essa conversa nunca aconteceu (talvez em alguns momentos seja bom não se precipitar...), o que me lembra o fato de ter lido no passado dez páginas de um livro de autoajuda que fala sobre como os homens são criados para serem corajosos e nós mulheres para sermos perfeitas. Eu não continuei a leitura por puro preconceito (risos), mas não nego que essas dez páginas mudaram a minha vida e, quem sabe, um dia eu continue essa leitura. Bom, lembrando disso, eu fui assaltada pela coragem, e decidi reorganizar minha rotina, tentar fazer tudo que eu estava deixando de lado na vida pessoal e acadêmica e entender que as coisas não precisavam ser perfeitas, mas que deveriam ser realizadas de forma satisfatória. Então, comecei a ser mais presente nas reuniões gerais, participar das formações e reuniões do grupo da escola, realizar as ações que são exigidas pelo Programa. Tudo mudou e eu permaneci.

Antes das férias escolares do município, foi agendada uma reunião com a preceptora e os residentes de forma individual. Inicialmente, pensei que a conversa seria apenas entre preceptora e residentes, mas quando vi que a docente orientadora participaria, fiquei surpresa, pois houve uma quebra de expectativas, o que sempre me deixa muito nervosa. Mas depois de falar sobre a minha vivência no Programa até aquele momento, fui ficando calma. Tudo estava fluindo e falei de coisas sobre as quais não havia refletido antes, como o fato de me identificar com as condições materiais das crianças que acompanhava no Programa. É como olhar a situação por um ângulo distinto, as dificuldades que hoje essas crianças vivenciam eu já vivi (só que para elas agora ainda há a pandemia), as dificuldades dos pais foram semelhantes às que meu pai tiveram e observar isso como uma futura profissional da educação me faz ter empatia em determinadas questões e pensar em formas de trabalhar para que a educação seja efetiva e também primordial para transformar realidades. Ainda nessa reunião fiquei emocionada com as palavras da minha preceptora sobre como eu havia crescido no Programa e falei sobre a minha vontade de desistir no início, mas a docente orientadora falou sobre seguirmos todos juntos até a conclusão.

As ações e formações da RP além de enriquecedoras são significativas pela partilha de experiências dos ministrantes das formações e dos próprios residentes. O aprendizado se faz sempre presente. Dentre as formações que participei houve uma que me tocou bastante. Nela a ministrante falou sobre seu percurso da escola até a



academia, as dificuldades enfrentadas, com as quais me identifiquei muito, como as questões de dificuldades de aprendizagem, mas ouvir sobre as estratégias que ela utilizou e ver onde ela chegou foi muito inspirador. Muitas vezes observamos de fora a caminhada das pessoas que estudam e muitas parecem ser cheias de si, não enfrentam dificuldades no que se refere à aprendizagem e compreensão dos conteúdos que estudam. Quanto a mim, às vezes eu me sinto como se estivesse muito atrás com relação aos colegas de turma e programas dos quais participo. Apesar de todas as dificuldades, consegui concluir uma graduação, no entanto, a insegurança e o medo ainda se fazem bastante presentes. Às vezes, receio me posicionar, pois na minha mente o pensamento é bem elaborado, mas não consigo me expressar como gostaria. Não raro, quero fazer um questionamento, mas temo a crítica, por parecer ser algo tão banal e de fácil compreensão para os outros.

Ultimamente tenho ouvido falar sobre representatividade e como isso é importante para as pessoas que muitas vezes se sentem deslocadas, seja com relação à ocupação dos espaços de poder, determinados meios etc. No meio acadêmico, essa necessidade também existe. Entendo os diversos tipos existentes, mas como esta carta é sobre mim, quero me sentir representada ao dialogar com pessoas que tiveram dificuldades de aprendizagem em sua vida de estudos, mesmo estando em mestrados, doutorados e ainda assim foram corajosas para continuar, apesar delas. Participar dessa formação me fez compreender que eu posso chegar a um doutorado, apesar das dificuldades que possuo. Todas as vivências que temos nos transformam e participar do Programa Residência Pedagógica com certeza me mudou, eu já me sinto bem diferente da mulher que eu era quando ingressei no Programa, talvez não tão corajosa como gostaria, mas é algo que sei que irei construir aos poucos, até conseguir me sentir satisfeita. O que posso dizer é que quero superar meus medos e inseguranças, fazer uma caminhada corajosa por minha jornada acadêmica. Não desistir de permanecer no Programa foi um passo para esse caminho de coragem, me expressar através desta carta pode ser outro e quantos passos ainda irão existir? É uma resposta que ainda não tenho, mas sei que não posso parar até chegar onde almejo.

Atenciosamente.

Epha Silva



O olhar da gestão escolar durante a pandemia: desafios e aprendizagens

Caríssimos(as) Estagiários(as),

Como vocês estão atravessando por esse período pandêmico que atualmente deixa a humanidade atordoada? E, como estudantes, as experiências estão sendo positivas ou negativas?

Tempos difíceis e desafiadores esses que a pandemia da COVID-19 impõe para todos(as) nós. No âmbito educacional, estamos na luta diária para promover não somente o vínculo escolar, mas principalmente a aprendizagem dos(as) nossos(as) estudantes.

Para nós, a travessia tem sido de muitas descobertas, superação e sentimentos diversos, como: coragem, medo, ansiedade, impotência, principalmente no que se refere a profissão que exercemos.

Somos coordenadora e gestor em uma escola municipal situada no bairro Itaqui-Bacanga, que atende pela manhã estudantes do 1° ao 3° ano e no turno vespertino, 4° e 5° ano do Ensino Fundamental. Estamos nessa escola há mais de 10 (dez) anos, o que nos permite conhecer mais de perto a comunidade local, seu desenvolvimento econômico, social e educacional.

Assim, desejamos compartilhar com vocês como a comunidade escolar tem superado a cada dia este momento delicado e desafiador que estamos vivendo e, de certo modo, como a pandemia nos coloca à prova para continuarmos nossa missão de promover a docência de forma desafiadora, inovadora e um tanto angustiante.

No início do ano de 2020, quando a escola concluía a jornada pedagógica, fomos interrompidos pelo decreto municipal suspendendo as ações nas escolas. Nós já tínhamos o propósito de não iniciarmos as aulas por não haver condições estruturais da escola, pois havia comprometimento do telhado, eletricidade, esgoto e outros, e assim como em 2015, o prédio escolar necessitava passar novamente por uma reforma e outrora tivemos que parar as atividades escolares por oito meses, e



em grande parte desse tempo os alunos ficaram em casa, sem aulas. Pensávamos que tal situação iria se repetir em 2020.

A única certeza que tínhamos era de que não seria possível iniciar as aulas presencialmente e não tínhamos a menor ideia, nessa época, de como as aulas poderiam acontecer remotamente, de forma síncrona/assíncrona (nem conhecíamos tais palavras e seu significado). Era difícil imaginar como seria possível fazer isso acontecer por meio das mídias e, mais especificamente, por grupo de WhatsApp. Chegamos à conclusão que se não houvesse o cenário pandêmico provavelmente as crianças estariam sem aulas por longo período, pois além de não haver prédios na comunidade que pudessem ser adaptados para utilizarmos como espaço escolar, não tínhamos familiaridade com as tecnologias e conhecimento de tantas possibilidades para promoção do ensino e da aprendizagem.

Embora otimistas, apesar das intempéries, o processo escolar não fluiu de forma tranquila, muito pelo contrário. Queremos compartilhar com vocês como se deu o início o atendimento a(os) professores(as) nesse processo pandêmico.

Em abril de 2020, entramos em contato com as professoras, já utilizando a plataforma Zoom para nossa primeira reunião online. Nosso primeiro desafio foi nos familiarizarmos com o aplicativo, que se estendeu também para toda equipe (como baixar os aplicativos, o significado de cada ícone, etc.). Nesse encontro, nós (coordenadora e gestor escolar) fizemos um momento de escuta para compartilharmos nossos medos, angústias e experiências em relação ao momento tão delicado e de tantas incertezas que passávamos. Ouvimos relatos de que a metade da equipe já havia superado a Covid e como foi angustiante e preocupante o quadro de enfermidade que cada uma passou.

Outros desafios foram surgindo. Detectamos que vários profissionais não tinham internet adequada, nem celular ou computador. Fomos tomando conhecimento de cada situação e resolvendo o que era possível. Para a professora que não tinha celular fizemos uma cooperação para doação do equipamento. Para as que não tinham internet, foi firmada uma parceria com a ONG Cufas, que doou chips para alunos(as) e docentes.

Realizamos outros momentos online ao longo dos meses de maio e junho/2020. Trocávamos *links* de eventos educacionais e compartilhávamos as informações nas reuniões, sempre com o olhar investigativo, buscando alternativas para o



atendimento aos estudantes de forma remota. Paralelamente a estes encontros, abriu-se outra frente de trabalho em busca dos(as) alunos(as) que possuíam acesso à internet.

A SEMED, nesse período, promoveu encontros formativos online, em parceria com a Fundação Vale, para os(as) professores(as) das turmas do 1º ano do Ensino Fundamental. Foram *lives* formativas, considerando o momento pandêmico, para os educadores em geral, e pesquisas para conhecimento da realidade das famílias, em relação ao acesso à internet e expectativa de retorno das aulas.

Em agosto, iniciamos o planejamento para a realização das aulas remotas. A busca pelos(as) alunos(as) que possuíam acesso à internet foi árdua. O diretor de forma incansável conduziu o trabalho com muita maestria, juntamente com toda equipe escolar, contactando individualmente as famílias, sensibilizando-os quanto a importância do ensino remoto.

As aulas remotas iniciaram em setembro/2020 com aproximadamente 20% de alunos(as) em cada turma. Em seguida, ampliamos o atendimento escolar para a entrega de atividades xerocopiadas, o que garantiu maior participação dos estudantes. E assim iniciamos nossa jornada de ensino no formato remoto. Realizando diagnósticos, planejando e avaliando.

O primeiro passo fora dado depois de muitas discussões, tensões e expectativas em atuar diante do desconhecido. Os momentos de incerteza e a impotência diante da situação educacional que estávamos vivendo nos acompanharam durante toda essa trajetória e ainda hoje, primeiro semestre de 2021, o sentimento de angústia soma-se aos primeiros, por uma série de fatores: não termos ainda todas as crianças sendo alcançadas pelas atividades propostas, não sabemos se há aprendizagem da forma como estão sendo conduzidas as ações, se o processo avaliativo que estamos desenvolvendo é apropriado ou confiável para nos dizer se houve aprendizagem, quando retornaremos presencialmente (uma vez que o prédio da escola ainda passa pela sonhada reforma), não termos condições de acompanhar o processo de aprendizagem, nesta etapa tão delicada e desafiadora que é a alfabetização e tantas outras dúvidas nos assolam a todo instante.

Nesse processo de ensino assíncrono houve a importante parceria da UFMA através do Programa Residência Pedagógica, por meio do qual as estagiárias do curso de Pedagogia tiveram a oportunidade de conhecer o difícil processo educacional que



a escola estava enfrentando. As estagiárias atuaram ativamente nos grupos de WhatsApp, sob a orientação da professora Noyra, na turma do 2º ano, se empenharam em conhecer a realidade educacional das crianças, mobilizando e motivando as famílias juntamente com os estudantes para participação nas atividades socioemocionais e pedagógicas. Acreditamos que, assim como nós, os residentes tiveram de transpor inúmeras barreiras, mas a sua contribuição para a escola foi de grande valia. Precisamos reconhecer o excelente trabalho desenvolvido com a turma do 2º ano, por meio de projeto de intervenção voltado para a leitura e escrita. Contudo, dada a impossibilidade de se fazerem presentes em outras turmas, não puderam estender o projeto a todos os(as) alunos(as) do turno matutino.

Creemos que na universidade - enquanto espaço de desenvolvimento de ensino, pesquisa e extensão -, estejam ocorrendo debates, discussões, engajamento dos(as) professores(as) e estudantes de diferentes áreas do conhecimento para auxiliar a comunidade escolar a superar os desafios educacionais em tempos de pandemia. Acreditamos, também, que deve estar sendo imenso o desafio de estagiar nesse contexto pandêmico.

Por fim, queremos dizer a vocês que finalizar o ano letivo de 2020 foi imensamente difícil, assim como iniciar o ano letivo de 2021. Muitos questionamentos têm nos acompanhando neste período e têm nos provocado a agir, mesmo diante de tantas incertezas. No entanto, a fé e a esperança de toda equipe escolar se renovaram a cada etapa cumprida neste processo, pois sabemos como será grande o desafio de promover o engajamento e a participação ativa de todos os estudantes e familiares nesse processo educacional no retorno presencial.

Desejamos a vocês sucesso nas pesquisas e estudos e ficamos aguardando o relato das suas experiências quanto ao estágio escolar, por meio do ensino remoto.

Com muita estima e afeto,

Hélia de Jesus Souza
Manoel Edilton Silva Ribeiro



Reflexões de uma residente num contexto de pandemia: marcas, sentimentos e impressões

Olá, hoje eu quero me dirigir aos estudantes espalhados pelos cursos de formação de professores em nosso país, especialmente aos colegas residentes e, quem sabe, aos futuros integrantes do Programa Residência Pedagógica (RP), que porventura tenham a oportunidade e a curiosidade de ler esta carta. Quero aqui, em sucintas palavras, expor quais as minhas impressões, sensações, sentimentos e aprendizagens ao longo de quase um ano como bolsista deste Programa.

Compreenda, a minha intenção não é fazer apenas uma exposição ou relato sobre as minhas vivências e experiências, mas pretendo apresentar as marcas e as reflexões que essa trajetória tem provocado em mim, destacando a sua importância para a minha formação e enriquecendo de alguma maneira a sua, caro colega. Movida por essa vontade, me aproprio das palavras de Manoel de Barros, acreditando que a importância de uma coisa é medida pelo encantamento que a coisa produz em nós. Logo, pretendo expressar o meu encantamento ao longo deste período e pontuar os desencantamentos também.

Se você, assim como eu, assistiu ao clássico filme francês “O fabuloso destino de Amélie Poulain”, você deve ter ouvido Amélie dizer a seguinte frase: “São tempos difíceis para os sonhadores”. É impossível discordar. A personagem fala situada historicamente no contexto da França que lutava por liberdade. Eu falo situada num curso de formação de professores, em um cenário de pandemia, num contexto político extremamente conturbado, marcado por incertezas. Reproduzindo a fala de Amélie, em nossos dias, as palavras são perfeitamente adequadas. Vivemos tempos sombrios, em que sonhar tem se tornado algo laborioso. Não sabemos quais as condições do país em que iremos exercer nossa profissão. Preciso enfatizar que muitas vezes a nossa escolha pela docência, na visão de quem está de fora, pode ser enxergada em uma dupla perspectiva: essa escolha seria uma insanidade ou um ato de esperança?



Quando ingressei no curso de Pedagogia, em menos de um ano, estava inserida no Pibid, Programa de Bolsas de Iniciação à Docência. Concluída a minha permanência ali, me inscrevi para fazer parte do Residência Pedagógica. Já tinha uma noção de qual era a essência do Programa, pois no Pibid enxergávamos o Residência como a continuidade do anterior. Entretanto, um elemento importante daria um tom bastante peculiar à minha participação no segundo Programa, a atuação docente num contexto de pandemia mundial e ensino remoto.

As atividades rotineiras da graduação mostraram-se bastante desafiadoras para serem conduzidas nesse formato. Avalie então a necessidade de estar inserida no espaço escolar, como propõe o Programa, em uma configuração diferente do habitual, com crianças e famílias desconhecidas, sendo algo inédito para as professoras e equipe escolar experientes, quiçá nós, graduandos. Houve dias em que o desânimo tomava conta de mim; em outros, a vontade de fazer a diferença na vida dos alunos/famílias era o que mais me motivava. Insegurança sobre qual caminho escolher para a abordagem com os alunos, dificuldades de diálogo com as famílias, incompreensão sobre qual era exatamente o papel do residente na escola, especialmente na sala de aula neste contexto diferenciado. Essas questões sempre estiveram presentes ao longo dos dias que seguiram dentro do Residência.

Na vida, para qualquer coisa que precisarmos fazer ou para qualquer decisão a tomar, contar com uma rede de apoio sempre tornará nosso fardo mais leve, mesmo que o apoio venha apenas por meio de palavras. Em meio ao desafio de planejar ações na RP frente ao caos que era a mediação remota com as famílias e alunos, logo no início, lembro-me de ouvir em uma das formações que participei, a fala acalentadora da docente orientadora do Programa de que a nossa frustração era mais do que esperada, afinal, nós criamos muitas expectativas sobre algo que era novo e desconhecido para todos nós. O conselho dela foi que não deveríamos focar nas dificuldades, mas buscar caminhos a partir do resultado de nossas investigações. Buscar soluções.

Naquele dia, pude perceber o quanto estava me cobrando para ter um bom desempenho e alcançar os resultados esperados, quando na verdade o meu objetivo deveria ser a reflexão e a problematização desses fatos, enxergando-os à luz da realidade. Parafraseando o filósofo Mario Sérgio Cortella, aprendi na prática que, na verdade, nós, residentes (docentes em formação) precisamos dar o melhor de nós



nas condições que temos, enquanto não há condições melhores, para fazermos aquilo que gostaríamos, de um modo melhor ainda, sempre atentando para a necessidade de reflexão sobre estas ações. Certamente vou levar isso para além da universidade.

Fazer a diferença na vida dos alunos, seja por meio do compartilhamento de uma leitura, orientação de uma atividade ou pela solução de uma dúvida, ou da inquietação de uma criança, é algo que já vivenciei em experiências escolares anteriores. Em tempos de ensino remoto, em que o distanciamento social nos afasta do calor humano da sala de aula e da oportunidade de acompanhar os inesperados eventos que acontecem ali no chão da escola, fomos compelidos a lançar mão do desenvolvimento de nossas práticas por meio de redes sociais ou plataformas semelhantes. Contentado-nos com um diálogo frio por aplicativos de mensagens instantâneas e fotografias das atividades das crianças. Se por um lado isso afetou diretamente o nosso modo de ensinar, sem sombra de dúvidas, o modo de aprender dos alunos foi severamente impactado.

Felizmente, experienciar tudo isso tem sido uma oportunidade única. Não quero dizer que atravessar uma pandemia tem alguma vantagem ou benefício, a não ser pelo fato de estar viva e com saúde em um momento que já vislumbramos seu fim, mas me refiro aos desdobramentos da pandemia na educação. O setor educacional foi fortemente atingido. Sem querer recorrer a um discurso demagógico, mas me revestindo de otimismo e esperança, acredito que tudo o que temos vivido e experienciado servirá de fundamento para escritos futuros, servirá como incentivo para a busca do aperfeiçoamento e construção do meu “eu”, como professora que necessita estar preparada minimamente para as demandas educacionais do século XXI, o que perpassa o universo digital. Acredito que o fazer docente nunca mais será enxergado com os mesmos olhos e a formação docente mais ainda.

Estar no Residência nesse momento foi uma oportunidade e uma escolha seguramente muito acertadas. Foi por meio do Programa que pude conhecer a realidade dos alunos e famílias neste momento histórico e me posicionar como docente em formação, tentando desempenhar o meu papel da melhor forma possível. Desde o princípio, como acadêmica de uma licenciatura, residente e futura professora, tenho aprendido a dar continuidade ao processo de me tornar educadora, me afastando da ideia fantasiosa de ter nascido marcada ou predestinada para tal papel, mas assim como defende Paulo Freire (1991), em uma passagem muito



conhecida de sua obra “Educação na cidade”, tenho visado me formar como educadora permanentemente na prática e na reflexão sobre a ela.

Portanto, encerro aqui esta carta, respondendo à fala de Amélie Poulain. De fato, nós vivemos tempos difíceis e tenebrosos, especialmente para os sonhadores, porém, como educadores, docentes, licenciandos e residentes comprometidos em defender um ensino público de qualidade e uma educação libertadora, precisamos esperar e lutar por dias melhores, assumindo o risco de cumprir a nossa missão, apesar dos desafios que nos são postos. Entendo o que diz Amélie, mas concordo com o patrono da educação brasileira, “[...] para mim, é impossível existir sem sonho. A vida na sua totalidade me ensinou como grande lição que é impossível assumi-la sem risco”.

Abraços,

Hellen dos Santos

Referências

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas, a segunda infância**. São Paulo: Editora Planeta, 2006.

FREIRE, Paulo. **A educação na Cidade**. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

O FABULOSO Destino de Amélie Poulain. Direção: Jean-Pierre Jeunet. Produção de Helmut Breuer, Bastian Griese, Claude Ossard. França/Alemanha. **Miramax Films**, 2001.



Residência Pedagógica e a pandemia: algumas vivências

Olá! Escrevo para trazer algumas experiências vividas no Programa Residência Pedagógica no período da pandemia.

O semestre 2020.1 já havia iniciado e eu estava matriculada em cinco disciplinas. Nos corredores da universidade, as nossas conversas inicialmente se centravam na ansiedade e temores do novo período e poucos dias depois o foco das conversas passou a ser sobre a incerteza de continuidade das aulas. Em poucas semanas após o início do período, a comunidade acadêmica recebe a informação de que haveria uma pausa nas atividades como medida de biossegurança.

Nesse momento, imaginávamos que seria uma pausa rápida e que em alguns dias retornaríamos à universidade. Vivi dias e dias aguardando este retorno, porém isto não ocorreu. Ainda no início do ano de 2020, recebi a informação de que o meu contrato de estágio numa escola privada também seria interrompido. Tal anúncio trouxe à tona muitas incertezas quanto ao aspecto financeiro. Embora o sustento da minha família não estivesse ligado à minha renda, temi em razão de minhas despesas pessoais.

Além da paralisação das atividades na universidade e do meu estágio, neste período também ocorreu a interrupção dos cultos presenciais e a igreja que eu frequentava fechou as portas, e as reuniões passaram a ser somente em família. A fé para mim também foi muito importante para o enfrentamento desse momento difícil. Tempos depois, os cultos começaram a ser transmitidos em lives pelo Instagram e Facebook e eram sempre assistidos por minha família.

Depois de alguns meses de inatividade da agenda acadêmica, foi anunciada a volta às atividades no formato remoto. No início, senti dificuldade para usar a ferramenta (Google Meet), sobretudo quando havia a necessidade de me pronunciar durante as aulas. Recordo do meu nervosismo na apresentação do meu primeiro seminário pelo Meet, em virtude da minha não ciência do uso da ferramenta.



Além da rotina relativa ao curso, o meu estágio não obrigatório também voltou, mas de maneira presencial e seguindo todos os protocolos sanitários para uma retomada mais tranquila. Essa volta ao estágio me trouxe um alívio no aspecto financeiro, pois assim consegui custear minhas despesas pessoais.

Acredito que as aulas remotas minimizaram o atraso na nossa formação, entretanto penso muito sobre a qualidade da formação de todos nós, discentes. O modelo remoto tira a riqueza dos debates que eram produzidos no chão da universidade, tira de nós momentos riquíssimos de aprendizado, troca de saberes e nos faz perceber a falta que nos faz estar junto com os outros, pois mesmo após nossas rotinas tão cansativas, era possível conversar pessoalmente e tirar um pouquinho do peso do dia a dia corrido e estressante. É evidente que as atividades neste formato permitem também muito aprendizado, mas considero que o modelo presencial é necessário e insubstituível.

Algo que gostei muito que o formato on-line proporcionou foi a possibilidade de participação em inúmeros congressos, colóquios, eventos na área da educação de modo geral. Pude participar de eventos diversos e dos mais diferentes estados brasileiros, o que não era possível no modo presencial, em virtude dos gastos com as viagens para ir a congressos interestaduais.

Nesse mesmo período recebi a notícia que ingressaria como bolsista no Programa Residência Pedagógica e foi algo que me deixou muito feliz. O Programa nesse período pandêmico também aconteceu de modo remoto, o acompanhamento dos alunos feito on-line e os encontros oficiais do Programa pela plataforma Google Meet.

Inicialmente participei de um encontro virtual de boas-vindas, junto a duas outras bolsistas que entraram no Programa na mesma data que eu. Na oportunidade conheci a docente orientadora do subprojeto de Pedagogia. Foram apresentadas as características do Programa, que tem por objetivo proporcionar ao licenciando a imersão na escola de educação básica. Nesse primeiro momento, pude falar sobre minhas expectativas, que a princípio seria construir conhecimento e ter a experiência de regência de uma sala de aula. Nesse mesmo dia recebi a informação de que ficaria no grupo que atuaria em uma Creche da Rede Pública Municipal de São Luís, tendo como preceptora uma professora que atua neste mesmo local.



Dias depois, tive o primeiro encontro com todo o grupo do Residência Pedagógica e fui apresentada aos demais residentes e tivemos um momento de reflexão das atividades desenvolvidas pelos participantes e orientações de atividades.

As atividades da Creche ocorriam de maneira remota: a professora dava orientações através de vídeos e áudios acerca das atividades e, em suas casas, os alunos executavam as atividades com auxílio de seus responsáveis e enviavam vídeos, mostrando a execução das tarefas propostas, e toda a comunicação acontecia no grupo do WhatsApp. A participação dos residentes acontecia através de auxílio em caso de dúvida por parte dos pais, incentivo à execução do que era proposto pela regente da sala.

Cada residente ficou responsável pelo acompanhamento de duas crianças. As minhas ações se davam em manter sempre o contato para incentivar a família a realizar as atividades em casa com os alunos e auxiliar em caso de dúvidas, tanto no grupo da turma, quanto no contato privado das crianças que eu acompanhava.

Realizávamos semanalmente encontros on-line com a presença dos residentes da Creche e da preceptora para alinhar nossa prática e compartilhar dificuldades e aprendizados. Nas reuniões, a professora sempre orientava para que acompanhássemos ainda mais os alunos, dando sempre *feedback* quando a família enviasse vídeos e áudios no grupo da turma.

Quanto aos impasses, resalto que a comunicação com os responsáveis das duas crianças que acompanhava foi difícil, pois raramente havia retorno das mensagens e pouca interação das crianças no grupo da turma, sendo assim, não era possível acompanhar o desenvolvimento desses alunos. A falta de interação presencial com os alunos foi também um fator que impôs dificuldade, pois impossibilitou o fortalecimento de vínculos afetivos com eles.

Já em relação aos aprendizados, pude, ainda que de longe, acompanhar o progresso das crianças, ao conseguirem, por exemplo, identificar seus nomes nas fichas, e além disso foi importante ver o empenho da professora da turma, materializado nos vídeos que explicavam as atividades e nas palavras de incentivo quando as crianças enviavam vídeos mostrando a realização das tarefas sugeridas.

Essas foram algumas das minhas experiências no Residência Pedagógica durante a pandemia da COVID-19, e agora com o avanço da vacinação e iminência



do retorno presencial, terei a oportunidade de, finalmente, ter o contato presencial com as crianças, seguindo, evidentemente, todos os protocolos sanitários estabelecidos, além da experiência da regência de sala de aula.

Lourrane da Silva



História de um Residente

Saudações! Dedico esta carta aos residentes,

É com muita alegria e satisfação que escrevo estas linhas ao projeto Residência Pedagógica. Dedico esta escrita a três pessoas muito importantes e especiais que estão fazendo parte da minha caminhada dentro do projeto; antes de citar os nomes destas pessoas, gostaria de me apresentar e falar um pouco sobre mim: sou formado em Letras/Português; atualmente estou cursando Pedagogia na Universidade Federal do Maranhão e faço parte do Programa Residência Pedagógica. Fazer parte da Residência é desafiador, assim como minhas expectativas, pois, nunca havia pisado numa sala de aula com crianças pequenas (no 2º ano do Ensino Fundamental). O desafio de alfabetizar assusta um pouco... A educação na minha vida sempre ocupou um lugar de destaque, pois, apesar de ter nascido em uma família humilde, aprendi que tinha que estudar e nunca foi preciso trabalhar, como acontece com a triste realidade de muitas crianças, oriundas de famílias humildes. Durante todo o processo da minha vida escolar, na Educação Básica, descobri que minha vocação era ser professor, porém durante muitos anos relutei por essa busca, pois a visão que me alcançava do papel do professor era negativa, todavia, não me sentia feliz em construir outra carreira; dessa forma foi que resolvi vencer a barreira e quebrar o grande tabu que me reprimia.

Hoje como residente experimento de perto tudo aquilo que eu sonhei no chão da sala de aula, mas posso confessar alguns medos, inseguranças e bloqueios; em relação ao novo formato ofertado das aulas, pois estamos vivendo um momento difícil, momento pandêmico; já mais vivido neste novo século, longe do olhar presencial, do calor do abraço e do bom dia turma, ou seja, tendo que amadurecer experiências novas, fincadas nas telas dos celulares, tabletes e computadores, contudo reinventado e se redescobrimo.



A educação nunca foi algo barato na vida do cidadão e serviu muito tempo apenas à aristocracia, ficando bem distante dos menos favorecidos, das classes baixas das sociedades. Entretanto, a educação hoje na contemporaneidade, pauta-se em direitos civis, sendo delegadas aos professores responsabilidades que perpassam, sobretudo, por oferecer trabalhos transversais a docência, tais como: ser psicólogo, dentista, assistente social, pai, mãe... para além de formar os alunos para a sociedade letrada. Assim, o Programa tem desvelado algumas entrelinhas, nos levando a repensar a Educação.

Durante todo do curso de Pedagogia até o Programa Residência Pedagógica, eu associava a Educação a algo linear, contudo, essa visão está totalmente distanciada das teorias pedagógicas, ou seja, é preciso sentir o chão da sala de aula, porque existem vivências agregadas intrinsecamente a trajetória educacional, portanto, vislumbrado bem longe dos manuais, que servem de modelo ou base.

Nos primeiros meses, posso garantir que o meu medo foi maior, porém, com a experiência das preceptoras e a ajuda dos colegas, eu tenho evoluído, mesmo em passos lentos; acreditando também que o distanciamento contribuiu muito para as minhas inseguranças. Creio que, se o formato fosse presencial, como de habitual, seria mais favorável às minhas emoções, uma vez que tudo novo assusta e posso garantir que trabalhar com ferramentas tecnológicas me assustou muito, criando algumas barreiras que talvez, ou com toda certeza, não me bloqueariam. Quando me refiro a essa questão, posso ver e entender que a educação, o processo educacional não é algo hermético. Sua materialização vive a se transformar no tempo e no espaço. A prova disso é que as escolas estão fechadas praticamente há dois anos, adequando-se ao sistema e envolvendo aparatos tecnológicos, com todos distantes e o chão escolar sendo a tela do celular, o tablete e o computador. E o papel do professor é garantir o acesso à Educação, reinventando-se, reaprendendo e esse reaprender tem sido algo que trago para minha bagagem; percebo como as preceptoras têm se dedicado e nos ensinado. O trabalho delas vai além do papel de professoras, perpassando barreiras sentimentais, constituindo laços afetivos.

Diante de tudo apresentado, e toda a experiência vivida até aqui na Residência Pedagógica, quero agradecer por ter a honra de ser conduzido pela preceptora Ana Patrícia, que compartilhou suas experiências, conhecimentos e se preocupou com aspectos muitas vezes que não são concernentes à sua formação e nos auxiliou com



o projeto realizado na escola, para o desenvolvimento das tarefas propostas pelo programa Residência Pedagógica. Agradeço gentilmente à professora Walkíria, uma professora/mãe, com seu olhar atento e sempre disposta a ajudar, quer seja com uma palavra amiga de incentivo. Sua coordenação está de parabéns. Seu olhar humanizador e o cuidado que tem por nós alunos não tem igual. Por fim, agradeço a minha amiga Omnyrá, que se doou de maneira total para me ajudar e, nos momentos de frustrações em que beirei à depressão, ela sempre tinha algo a me dizer, sua maneira simples e atenciosa de explicar e conduzir, sua ajuda foi muito ativa e presente.

Minha percepção, dessa nova maneira de dar aulas é que a Educação não se constitui em um manual acabado e pronto. Todo dia aprendemos a apreender e temos que estar abertos a mudanças; foi essa abertura que me estagnou, quando tive apenas um olhar físico para dentro da sala de aula, entretanto, quando me deparei com uma nova maneira de conduzir uma aula, tive medo. Até hoje ainda existe um medo, porém venho lutando com isso e tentando ultrapassar barreiras.

Dito isso, continuo em busca da minha realização como professor e percebo quão grande é a luta. Sinto na pele a barra enfrentada pelas preceptoras, em criar sintonia entre as famílias, os residentes e os alunos; dessa forma, toda essa troca serve de base para nós, futuros professores, pensadores para a nossa sociedade.

Aqui deixo o meu muito obrigado à docente orientadora, preceptoras e amigos residentes.

Luiz Cláudio Gomes



**Carta de uma professora em formação:
esperançando em tempos de desesperança**

Caras(os) futuras(os) educadoras(es),

Quando queremos escrever uma carta, sempre temos em mente para quem escrever. No meu caso, não. Fiquei pensando sobre às vezes que, ao longo da minha vida, escrevi cartas. Confesso que foram poucas, e muitas das vezes escrevi para um eu do futuro. Gosto da ideia de contar o que acontece em minha vida e ler tempos depois. Sinto-me como naqueles filmes em que amigos se juntam para desenterrar uma máquina do tempo. Dessa vez, após uma breve reflexão, decidi escrever a vocês que, assim como eu, são alunas(os).

Agora que estou concluindo o curso (assim espero), desejo compartilhar com vocês as minhas inquietações, percepções e impressões acerca do que vem acontecendo durante essa jornada acadêmica. Meus amigos mais próximos estão sempre ouvindo essas minhas inquietações que parecem nunca ter fim, mas acredito que vocês, principalmente os que estão em estágios, em programas como o Pibid e a Residência Pedagógica (no qual me encontro) compreenderão melhor sobre o que vou falar. Talvez - e bem provável que sim - muitos dos sentimentos que tenho sejam os mesmos que vocês têm.

Bem, costumo dizer que, no fundo, sempre soube que a minha missão estava ligada à educação. Ingressei no curso de Pedagogia com muitas expectativas. Vocês, mais do que ninguém, sabem o quanto entramos com uma vontade enorme de mudar o mundo. Queria ter contato com pessoas, lugares e saberes e acredito que nos primeiros períodos pude vivenciar isso.

Sabemos o quanto, ao longo de uma graduação, nossos olhinhos brilhosos vão se ofuscando em meio ao cansaço, à rotina, a tantos textos que temos de ler e tantos trabalhos a fazer. Mas confesso que tudo isso para mim é melhor do que esse distanciamento repentino provocado pela pandemia. Como é de conhecimento de todos, o ano de 2020 trouxe muitas surpresas desagradáveis. Lembro-me de uma



cena do filme Harry Potter e as Relíquias da Morte, em que Rufo Scrimgeour parece compreender exatamente o que vivemos hoje: “São tempos sombrios, não há como negar. Nosso mundo jamais enfrentou ameaça maior do que a que enfrenta hoje”. Essa ameaça invisível, o coronavírus, unida a toda a crise política, econômica e social que nosso país enfrenta, é algo assustador. Quem imaginaria que tudo isso aconteceria? Eu não fazia ideia. E hoje me pego pensando: se eu imaginasse, por um instante sequer, uma coisa dessas, teria aproveitado mais essa experiência incrível que é estar na universidade. Por muitas vezes me peguei fazendo tantas coisas ao mesmo tempo e apressadamente que não curti o processo. E, particularmente, acho os processos muito bonitos.

A pandemia chegou em um péssimo momento para mim. Não que exista um bom momento para uma pandemia, longe disso. Mas acredito que pegou muitos de nós fragilizados e desacreditados sobre nosso futuro. Fico pensando em como nós somos seres insatisfeitos. Quando participava do Pibid e surgia um problema, ficava chateada e esquecia de vivenciar com toda a intensidade possível as coisas boas. Hoje olho para trás e sorrio daqueles problemas que me aborreciam. A verdade é que estamos presos em um constante “eu era feliz e não sabia”.

Vendo-me hoje, na Residência, penso que estou fazendo o melhor que posso diante das adversidades. É impossível não comparar as duas experiências, pois deveriam ser tão parecidas quando na verdade são tão distintas. Tínhamos um contato real com os alunos e de repente o mundo virou de cabeça para baixo. Tivemos que nos “reinventar”, pois nossas crianças mais do que nunca precisavam e ainda precisam de nós.

Antes eu estava tão cheia de tarefas que quando encontrava um tempinho livre decidia não fazer nada. Uma vez, assisti a um documentário chamado Tarja Branca, em que o falecido ator Domingos Montagner contava que seus filhos ficavam aflitos quando não tinham nada para fazer, mas que esse momento era indispensável para manter a mente limpa, longe de todo barulho interno e externo. Eu concordo com ele, esse momento a sós com nossos pensamentos é fundamental. Mas hoje, estando em casa o tempo todo, me vejo com um tempo livre que me aflige de certa forma. É o tempo que eu deveria destinar aos alunos, mas nunca o fazia, por questões óbvias. Então, me pego pensando em como eles estão nesse momento. Como deve



estar sendo difícil para eles não ter mais contato com seus colegas de sala e sua professora.

Tenho me esforçado ao máximo para desenvolver atividades, para me aproximar desses alunos e, quando não há um retorno, não vejo como algo que foi em vão. Acredito que qualquer esforço que fazemos visando à aprendizagem das crianças, não é em vão. A Residência Pedagógica nos proporciona essa experiência significativa, que é acompanhar as crianças no contexto do ensino remoto; as formações que participamos também nos ajudam muito a ampliar nosso olhar para essa nova forma de ensino. Por meio do que tenho vivenciado, aprendi e sigo aprendendo muitas coisas, tanto em relação à educação, quanto em relação ao crescimento pessoal. Aprendi a produzir e editar vídeos, a pensar em atividades que estejam em conformidade com as necessidades dos alunos, a pensar nas particularidades deles e de suas famílias - e a compreendê-las mais, a ter mais calma... . Esse processo exige serenidade, afinal, as coisas quase nunca saem como imaginamos.

Uma das atividades para as crianças que mais gostei de fazer foi sobre lendas e mitos do folclore brasileiro. Pensei em histórias de nosso folclore que não são tão conhecidas. Com a lista de nome dos alunos, busquei lendas e mitos que começavam com cada inicial dos nomes, fiz pesquisas em diversas fontes sobre essas lendas, sua origem, o que significam em nossa cultura, de modo a considerar nessa atividade também a intencionalidade pedagógica. Desde o início, quando me deparei com lendas com um teor mais sombrio, pensei que seria um grande desafio dar continuidade nesta proposta de atividade, mas considero que pesquisar bastante e pensar em formas diferentes de contar uma história me ajudou neste sentido.

Durante a organização da atividade, precisei recriar a forma de contar as histórias, pois penso que algumas lendas e mitos selecionados pareciam assustadores para a faixa etária da turma. Busquei substituir palavras e até mesmo buscar imagens da lenda que não parecessem tão assustadoras, além de usar de uma música de fundo alegre e narrar de forma entusiasmada. Não consegui substituir algumas lendas por conta da letra inicial trazer poucas opções, mas penso que o exercício de pensar e recriar é importante para compreendermos que buscando alternativas sempre conseguimos solucionar os entraves.



Esse trabalho de pesquisa e criação resultou em um vídeo que foi compartilhado com a turma. Infelizmente, apenas o aluno que acompanho interagiu com proposta - fiquei feliz pois ele contou por áudio as lendas que conhecia e que mais gostou. Confesso que fiquei desanimada no primeiro momento pela maioria da turma que não pôde interagir, mas compreendo que muitos enfrentam dificuldades de acesso à internet e até mesmo aos aparelhos.

Fico pensando... . Será que vocês, assim como eu, encontram-se desanimados? Talvez a sala de aula, principalmente a virtual, seja desestimulante em alguns momentos e nos confunda quanto a estarmos indo no caminho certo. Às vezes temos a impressão de que não vamos fazer diferença nenhuma (isso é muito comum de se ouvir de professoras/es que já estão há muito tempo nas salas de aula), mas saibam que somos nós o futuro. As crianças precisam de pessoas que acreditam nelas, que acreditam que o melhor está por vir. Tenho a certeza de que isso tudo vai passar e estaremos mais fortes. O meu desejo é que não desanimemos, embora não seja fácil, é necessário nos mantermos firmes.

Como uma apreciadora da leitura, gostaria de terminar esta carta com um trecho de Paulo Freire que, em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, traz uma fala sobre esperança, pois não vejo nada mais apropriado para o momento em que estamos vivendo: “Movo-me na esperança enquanto luto e se luto com esperança, espero” (FREIRE, 2004, p.47). As coisas parecem caóticas hoje, e na verdade estão, mas precisamos (e esta parece a única alternativa) manter a esperança em dias melhores.

Assim, despeço-me e desejo que você, que está lendo esta carta, nunca deixe de reagir ao que não parece ter saída e que você nunca deixe o brilho do seu olho ofuscar. Nós que somos futuras(os) educadoras(es) temos muitos desafios pela frente, mas temos sobretudo inúmeras possibilidades. E as possibilidades são sempre infinitas para quem vê a educação com sensibilidade e amor.

Com carinho,

Maria Clara Cutrim

Referência

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.



Das lembranças que eu trago na vida...

Às(aos) professoras(es) alfabetizadoras(es) e residentes,

Passei alguns dias pensando em como poderia contar-lhes sobre a minha vida de professora e, mais precisamente, sobre o meu processo de formação, que julgo estar em constante construção, pois a cada dia são acrescentados novos tijolos. Decidi que escreveria uma carta, um gênero textual muito conhecido, mas que, infelizmente, tem se tornado cada vez mais dispensável à vida moderna, principalmente em tempos de *WhatsApp*, *Facebook* e *Instagram*. Vocês podem estar se perguntando: de fato, se há tantos meios de comunicação mais rápidos e eficientes, por que escrever uma carta? A resposta viria em forma de outras perguntas: E por que não? Será que os textos postados nas redes sociais são capazes de exprimir o que estamos sentindo? Essa agilidade e eficiência não tornam as palavras efêmeras e vazias?

Acredito que escrever para quem não conhecemos é uma tarefa desafiadora, mas tenho certeza de que, até o final desta carta, não seremos mais desconhecidas(os) que partilham das mesmas inquietudes, aflições e sonhos, nos tornaremos confidentes e, quiçá, amigas(os). Sim, amigas(os) queridas(os) com quem pretendo compartilhar a minha vida de professora e, principalmente, a vida de professora alfabetizadora na pandemia.

Preciso dizer que iniciar essa conversa me fez lembrar de alguns momentos da minha trajetória acadêmica e profissional, das dificuldades que tive de enfrentar, como aluna e depois, como professora e pesquisadora. As incertezas e inseguranças nos acompanham diariamente no fazer pedagógico. Não é fácil entrar em uma sala de aula e encarar olhinhos curiosos e desejosos por conhecimento. Mais difícil ainda é pensar em estratégias que tornem esse momento agradável e significativo, tanto para nossas crianças como para nós.



Às vezes me pergunto se fiz a escolha certa. Então, busco nas lembranças e me vejo em frente a um quadro de giz, ensinando aos meus irmãos mais novos a ler e escrever. Essa é, sem dúvida, a recordação mais significativa para mim. É o que me faz ter a certeza de que “nasci” para ser professora, algo que tentei sufocar ou deixar escondido por muito tempo. Confesso que essa profissão não era bem aceita em minha casa, pois meu pai e minha mãe acreditavam que, por eu ser a mais dedicada aos estudos, deveria seguir uma carreira que desse prestígio e retorno financeiro, algo que, na concepção deles, não seria alcançado com o magistério. Quanto ao prestígio, tenho convicção de que já o possuo. Não pensem que estou sendo prepotente, é apenas uma constatação. As minhas crianças (gosto de me referir assim aos meus alunos) dizem que sou a melhor professora do mundo. E eu jamais discordaria delas, pois sei que falam a verdade. Quanto ao retorno financeiro...

Formei-me em Pedagogia no ano de 2008 e, como a maioria das(os) estudantes, a única experiência em sala de aula tinha sido como estagiária, porém não era suficiente para me projetar no mercado de trabalho. E isso ficou muito evidente quando participei de algumas entrevistas de emprego. As oportunidades sempre apareciam. Surgiram seletivos, concursos, mas, lá estava outra vez a experiência. Refleti muito sobre o significado do estágio em minha vida profissional. Cheguei a concluir que só servia ao propósito acadêmico, o que me deixava desanimada. Todas aquelas horas dedicadas à observação, ao planejamento e à intervenção foram em vão? Evidentemente que não, não para mim, e tenho certeza de que para vocês, que já vivenciaram ou estão vivenciando esse momento, também não. Assim, faço minhas as palavras de Bondía (2002, p.26): “É experiência aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma”.

Embora eu acreditasse que logo após a formatura conseguiria emprego e minha independência financeira, também tinha consciência de que concluir o curso de graduação era só o primeiro passo nessa longa e árdua caminhada na docência. Por vezes, estive diante de situações que me fizeram duvidar da minha escolha, causando-me angústia e frustração. Mas, era preciso aguentar firme e não esmorecer diante das adversidades, pois a estrada da vida é feita de obstáculos e cabe a nós



termos coragem de transpô-los. Como já dizia Carlos Drummond de Andrade, em um dos seus célebres poemas: “no meio do caminho tinha uma pedra”.

Sim, em nosso trajeto sempre encontraremos pedras, sejam grandes ou pequenas, mas elas não nos impedirão de avançar. O que nos detém é o medo, impulsionado pela falta de conhecimento. Sempre que nos é lançado um desafio, tentamos, de pronto, recuar, somente por insegurança, pois não conseguimos enxergar, de imediato, as oportunidades. Mas, o que nos torna seres especiais é a nossa capacidade de aprender. A aprendizagem faz parte do nosso processo de construção e não se encerra quando saímos da universidade ou quando concluímos um curso de especialização.

Mesmo atuando há tantos anos como professora, tendo realizado diversos cursos e um mestrado, continuo em formação, numa procura constante por conhecimento, pois o combustível da vida é o desejo, é o que nos “mantém despertos, acesos na busca do que nos falta. “[...] O desejo nos impulsiona na nossa curiosidade de encontrar respostas, na nossa vontade de fazer, no nosso interesse de conhecer, na nossa necessidade de aprender” (FREIRE, 2014, p.68). É essa incompletude que nos impulsiona a seguir em frente, mesmo diante das intempéries da vida.

Trazendo para o contexto atual, vejo o quanto tivemos de nos reinventar e nos doar para que o ensino remoto pudesse acontecer. Abraçamos a causa e nos tornamos responsáveis por milhares de crianças que, assim como nós, não sabiam o que esperar do futuro. A sala de aula foi transferida para as nossas casas, as carteiras escolares e o quadro branco foram substituídos por sofás, telas e aplicativos digitais. Os pais e as mães se tornaram alunos(as) e também professores(as), nossos grandes “parceiros na fantástica empreitada da educação” (CURY, 2003, p.54). E, mesmo diante de tantas adversidades, estiveram junto a seus(suas) filhos(as), ensinando e aprendendo.

Acredito que a pandemia, embora devastadora, nos permitiu refletir sobre a nossa vida e o que fazemos com ela. Fomos obrigadas(os) a desacelerar, a parar e a fazer o caminho de volta. Deixamos de lado projetos futuros e passamos a nos concentrar no presente. Tivemos de aceitar e assumir as nossas fragilidades, sem vergonha ou receio. Unimo-nos na tentativa de reverter a situação caótica em que as nossas escolas se encontram. Fomos esquecidas(os) pelo poder público assim como



as nossas crianças. E mesmo com poucos recursos, mas com muita disposição, provamos que é possível fazer a diferença, pois embora tentem tirar o que é nosso, permanecemos com dignidade e energia para continuarmos lutando (KRAMER, 2010).

E foi assim, nesse turbilhão de incertezas, vivendo o novo normal, como muito se fala hoje em dia, ministrando aulas por aplicativos e ainda sem saber a direção certa, que me lancei a um novo desafio: tornei-me preceptora do Programa Residência Pedagógica. Num primeiro momento, quis declinar diante da proposta, pois não julgava ser possível realizar um estágio no ensino remoto. Preciso esclarecer que o projeto não foi idealizado/elaborado durante a pandemia, na verdade a crise sanitária atrasou o início dos trabalhos. Contudo, se as crianças não podiam permanecer sem aulas, os estagiários também não poderiam deixar de vivenciar essa experiência pelo simples fato de acontecer virtualmente.

Confesso que não foi fácil fazer acontecer, principalmente para as residentes. Acredito que assim como eu, elas também se sentiam confusas e por vezes, desestimuladas. Quem se preparou para o ensino remoto antes da pandemia? Quem realizou estágios à distância? Quem nos avisou que isso um dia iria acontecer? Ninguém! E não houve um dia sequer que não tivemos vontade de sentar e esperar tudo voltar a ser como antes. Mas o tempo não para e não espera a situação melhorar. Ele continua seguindo e quando nos damos conta, foram-se meses, anos, décadas.

Gosto de pensar que as adversidades surgem para nos fazerem evoluir, crescer como profissionais e também como seres humanos. Costumo de dizer que os desafios são a mola propulsora da vida, é o que dá sentido à nossa existência. Já imaginaram quão monótonos e desinteressantes seriam os nossos dias sem algo novo para fazer e sem problemas a resolver? Duvido que essa calma nos traria paz e noites tranquilas de sono. Mas também sei que diante de um cenário social cada vez mais exigente, vivemos aflitas(os) por soluções que nos permitam garantir a aprendizagem de todos os nossos alunos e alunas. Como pontua Collelo (2014, p.169), somos “pressionadas pelos múltiplos apelos da sala de aula, pelas obrigações instituídas e pelas orientações de diferentes planos teóricos, sem ter clareza dos possíveis caminhos ou do ponto de chegada”. Essa cobrança, que parte principalmente de nós mesmas(os), nos deixa inseguras(os) e descontentes com o nosso trabalho.



As incertezas nos acompanharam em todo o trajeto percorrido durante os anos de 2020 e 2021. Como professora, senti-me, em alguns momentos, uma estudante no primeiro dia de estágio, sem saber ao certo como e por onde começar. Como preceptora, assumi o papel de conselheira e amiga, tentando motivar as residentes e buscando aprender junto com elas. Evidentemente que toda a situação era nova para mim, pois nunca estive diante de um computador ou celular, dando aula para crianças. Também era a primeira vez que participava do Programa Residência Pedagógica, e no formato remoto. Acredito que para as minhas meninas (forma carinhosa como me refiro às residentes), esse tenha sido o maior desafio acadêmico vivenciado por elas. Se para mim, há tantos anos professora, a situação era bastante desconfortável e confusa, para as residentes era algo inconcebível.

O que precisamos entender é que não se trata apenas de uma questão de adaptação, mas, principalmente, de compreensão do que fazer e como fazer. E, diante dessas circunstâncias que emergiam de um cenário nada promissor, fui levada a refletir sobre a nossa formação inicial e continuada. Enquanto a primeira não é suficiente para nos preparar para atuarmos como professoras(es) alfabetizadoras(es), a outra tem com prática recorrente a oferta de cursos que nem sempre possibilitam uma análise crítica, no sentido de permitir a reflexão sobre a prática, distanciando-se das problemáticas vivenciadas cotidianamente em nossas salas de aula. Mas a culpa não é da pandemia? Não foi por causa dela que tudo isso aconteceu? Na verdade, ela só evidenciou um problema com o qual temos convivido diariamente: a falta de investimentos na educação.

Se a escola pública não apresenta condições de oferecer um ensino presencial de qualidade, dada a precariedade de suas instalações e recursos materiais, que dirá no formato remoto. Mas, é preciso esquecer de todas as mazelas e fazer o melhor que pudermos, incansavelmente, sem reclamar, sem desanimar. Não é isso o que sempre nos falam? E foi o que mais escutamos nesses dois anos de pandemia. Agora, colocar em prática algo que desconhecemos, não depende apenas da nossa boa vontade, é necessário planejamento, pesquisa e muitas horas de estudo. Sendo assim, pergunto: quanto tem sido investido em nossa formação?

Diferentemente do que vem sendo proposto e imposto a nós professoras(es), no Programa Residência Pedagógica temos praticado o exercício da reflexão, a partir de nossas vivências e saberes constituídos. Costumo dizer que os



espaços de diálogo são como grandes campos férteis, onde tudo o que é semeado, germina, floresce. E nesses momentos de conversa, partilha e aprendizado vamos nos transformando, de dentro para fora. De acordo com Freire (2014, p.49), “Toda ação reflexiva leva sempre a constatações, descobertas, reparos, aprofundamento; e, portanto, nos leva a transformar algo em nós, nos outros, na realidade”. A cada formação, reunião, temos a oportunidade de ouvir o outro e sermos ouvidas(os), de confrontar ideias, refutar o que foi dito, reelaborar conceitos, ampliar o pensar.

Estar diante de vocês, falando abertamente do que tenho sentido e sofrido nesses dois últimos anos, é libertador. Esse registro reflexivo, que faço por meio desta carta, tem me possibilitado ter consciência do que busco, acredito e sonho realizar. Nós - preceptoras, residentes, professoras(es) - continuamos tentando acertar o passo, mas não tem sido fácil. Avançamos bastante, mas também foi preciso recuar. Acredito que para prosseguirmos nessa empreitada e termos êxito, será necessário reconhecer nossas fragilidades, admitir nossas limitações, aprender a lidar com as frustrações e aceitar a nossa incompletude. Finalizo desejando que a nossa capacidade de pensar, criar, construir, refletir, ressignificar se renove a cada novo obstáculo que se ponha em nosso caminho.

Até breve!

Noyra Fonseca

Referências

BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, p.20-28.

COLELLO, Silvia M. Gasparian. Sentidos da alfabetização nas práticas educativas. In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva (Org.). **Alfabetização e seus sentidos: o que sabemos, fazemos e queremos?** - Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Editora Unesp, 2014.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FREIRE, Madalena. **Educador, educa a dor**. 4. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

KRAMER, Sonia. **Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso**. São Paulo: Ática, 2010.



Ensino Remoto: angústias de uma professora em formação

Para professores(as) e futuros licenciandos,

É comum sempre estarmos acelerados, sem tempo para sorrir com os amigos, estar com a família, desfrutar da natureza, e isso é bem presente no cotidiano de quem é professor(a) e/ou que se propõe a ser educador(a). Sempre estamos atentos a tudo e todos, mas muitas vezes esquecemos de olhar para nós mesmos. Como eu me sinto diante do cotidiano escolar? Qual é a minha ação e minha reação diante dos desafios que cruzam meu caminho enquanto futura docente?

Vejo que nunca parei para pensar sobre, pois, como eu disse inicialmente, vivemos acelerados. Mas, estou aqui agora escrevendo alguns sentimentos e angústias de uma futura professora, que já vem experienciando o chão da escola desde o início da construção docente. Sempre ouvimos dizer que para ser professor(a) basta ter talento, mas, na verdade, ser professor(a) não depende apenas de talento ou vocação. É preciso estudar, pesquisar e estar em constante processo de reflexão e ressignificação da prática. E esse fazer pedagógico, que por hora é muito prazeroso, também se torna cansativo, pois as frustrações, medos e inseguranças nos fazem questionar se estamos no caminho certo.

Como diz o dito popular, a grama do vizinho é sempre mais verde, mas ninguém quer saber o porquê essa grama está tão verde. Nós, como profissionais e futuros profissionais da educação, sempre estamos sendo questionados quanto ao valor da nossa profissão. Parece que estamos sempre a nadar contra a maré, e durante a pandemia essa correnteza se acentuou. É evidente que o papel docente é fundamental para a sociedade e, de acordo com Sacristán (1995, p. 67), são “frequentes as declarações sobre a importante missão que lhes incumbe”. Contudo, a classe dos(as) professores(as) “tem sido abalada por todos os lados: baixos salários, deficiências de formação, desvalorização profissional implicando baixo status social e profissional, falta de condições de trabalho, falta de profissionalismo, etc.” (LIBÂNEO, 2010, p. 25). Nesse período pandêmico, dar aulas e assistência aos alunos



de forma virtual tornou-se uma tarefa atroz, primeiro porque estamos longe do alento e calor humano que aquece nossos corações, e mais dolorosa pelas desigualdades sociais e econômicas tão latentes no Brasil e a forma como elas se apresentam para nós.

Experienciar todos esses medos e inseguranças em meio a uma pandemia, em meio a um tempo incerto parece tirar de mim toda perspectiva positiva do futuro. Quando decidi encarar o desafio de participar da Residência Pedagógica nesse formato remoto, confesso que nunca pensei que seria tão complexo e desafiador, ainda mais nesse momento tão atípico. Os problemas relacionados à saúde mental, como a ansiedade e a depressão, tomaram força e vieram como um golpe forte diante de tudo que estou vivendo. Contudo, de todas as experiências vividas até aqui, posso destacar que promover a interação entre escola e família foi a mais desafiadora, haja vista que nem todos os familiares dispunham de acesso à internet e/ou ferramentas da tecnologia. Outro aspecto desafiador nessa relação se trata de muitos pais e mães e/ou responsáveis acreditarem que é somente papel da escola a educação de seus filhos e filhas, mas sabemos que o envolvimento e a participação da família no ambiente escolar são considerados componentes importantes para o sucesso escolar das crianças. A Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394/1996 e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) postulam que as escolas têm a obrigação de se articular com as famílias e os pais, o direito a ter ciência do processo pedagógico, bem como de participar da definição das propostas educacionais (RANIERI; ALVES, 2018).

Ao iniciar essa conversa, por meio dessa carta, não tive a pretensão de causar tristeza ou até desestimular alguém, mas não tenho como fugir da minha história, da experiência que tenho tido até agora. Tem sido gratificante, em termos de aprendizagem, ter um olhar mais sensível à diversidade que se apresenta em sala de aula, de ter essa experiência que é única diante de tudo que já vivi no curso de Pedagogia. Contudo, o cansaço, o desânimo têm se feito presentes nesse momento também, e é interessante no meu ponto de vista compartilhar isso, porque estamos inseridos em uma sociedade capitalista, que nos impõe uma produtividade sem limites, porém isso está além da especificidade humana.

Apesar da profissão ou posição que tenhamos escolhido, somos em primeiro lugar seres humanos, ora vivendo tempos felizes ora vivendo tempos difíceis, e que



não é errado pararmos quando nosso corpo pede para parar, que não é errado chorarmos quando sentirmos vontade, sorrir quando for preciso, abraçar um ente querido. Esse período de isolamento social nos tem feito refletir sobre o real valor do tempo. Vivenciar o trabalho docente nesse período atípico que nos coloca a pandemia, como já mencionei, é tarefa complexa, mas é de extrema importância, pois como costume dizer, um(a) professor(a) não é nada sem vivenciar o chão da escola, pois a docência vai além de teorias aprendidas e apreendidas na academia. A docência é troca, é construção, é vivência e convivência e para se experienciar isso se faz necessário a prática, e em busca de construir uma práxis é que me propus e venho me propondo essa experiência.

Como Giroux (1997), ao analisar obras de Paulo Freire, compartilho da ideia de que a teoria não dita a prática; em vez disso, ela serve para manter a prática ao nosso alcance, de forma a mediar e compreender de maneira crítica o tipo de práxis necessária em um ambiente específico, em um momento particular. E sem a pretensão de que vocês concordem com tudo que escrevi, mas com o desejo que de alguma forma meu ponto de vista os leve a refletir sobre o cotidiano escolar e a nossa inserção como educadores(as) nesse universo tão particular e diverso que é a educação, é que convido você professor(a) e/ou futuro docente para ampliar esse diálogo, a fim de estarmos contribuindo para uma construção reflexiva e crítica da prática docente...

Até a próxima! Com carinho,
Rayssa Magalhães

Referências

SACRISTÁN, Gimeno. Consciência e Ação Sobre a Prática como Libertação Profissional dos Professores. In.: NÓVOA, António (Org.). **Profissão professor**. Portugal: Porto Editora, 1995. p. 63-92.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

RANIERI, Nina Beatriz Stocco; ALVES, Angela Limongi Alvarenga (Org.). **Direito à educação e direitos na educação: em perspectiva interdisciplinar**. São Paulo: Cátedra UNESCO de Direito à Educação da Universidade de São Paulo, 2018.

GIROUX, Henri. **Teoria crítica e resistência em educação: para além das teorias de reprodução**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1986, p. 548-249.



Aqui sou também Professora

A quem possa interessar,

Escolhi introduzir esta breve carta com uma parte do livro *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire, pois é naquilo que ele quis dizer que encontro a finalidade pela qual decidi escrever. É nas vivências que tenho tido ao longo de oito meses, desde que me vi como professora pela primeira vez, que pude compreender, empiricamente, o respeito pelo ser professor. É no olhar que tive, neste pouco tempo, que vou construindo a minha ideia de docência - no respeito às práticas educativas, às interações, às formações e ao trabalho que por nós foi (e continua sendo) construído, principalmente neste cenário atípico - de distanciamento social e ensino remoto.

Irei contar-lhe, nestas breves páginas, as minhas percepções do que tenho vivido, à medida que adentrei a sala de aula e dei início ao meu trabalho como integrante do Programa Residência Pedagógica. Ao lançar meu olhar em retrospecto ao longo destes oito meses, do que ocorreu, como ocorreu, quais foram as minhas sensações e emoções de estar neste lugar totalmente novo para mim (já que não tinha ainda experiências em sala de aula), exercendo este papel que também me foi novo, percebi o quanto estar em sala de aula é agridoce, tem seus momentos doces e seus momentos amargos, mas que constituem justamente o porquê este trabalho deve ser respeitado.

O início da minha caminhada na Residência ora foi permeado por medos, inseguranças e aflições, ora pelo desfrute da sensação maravilhosa que é estar em sala de aula (mesmo de maneira remota, via WhatsApp). Enfim, participando das práticas de ensino e aprendizagem. Se pudesse destacar (e aqui posso) aquilo que até hoje permeia a minha experiência durante todo esse tempo, é o conselho que recebi (e os demais residentes também) da nossa Orientadora, e que talvez lhe seja útil também (quem sabe?!). No nosso primeiro encontro como integrantes do



Programa. Ela disse que deveríamos nos ver, a partir daquele momento, como “sou estudante, mas aqui sou também uma professora”.

Agora imagine, uma estudante totalmente sem experiências, logo no primeiro dia receber este conselho?! Foi e é (pois permeia toda a minha vivência até aqui), confesso, um pouco amedrontador, pois ali, naquele momento, percebi a imensidão também do que viria a ser esta experiência do ser professora (claro, houve outros momentos também que me trouxeram essa percepção e que contarei em outro momento), em que não era somente uma simples estudante de pedagogia. Usaria como recurso aquilo que venho aprendendo ao longo da minha formação, o que debati em sala com meus professores, o que aprendi e tive como objeto de conhecimento, mas também, começaria a escrever minhas próprias descobertas, meu entendimento da realidade da sala de aula, a minha prática docente.

Consegue perceber por que eu descrevi essa sensação como sendo agridoce? Expectativa e medo do “novo”. Era ali que começava a minha caminhada como residente. Ao lembrar deste dia por vezes me pergunto como foi para todos aqueles professores e professoras que estão agora em salas de aula, quais as sensações tiveram ao se verem como professores pela primeira vez? Como será que se sentiram?

Confesso que toda vez que me são lançadas novas propostas, novas ideias, novas atividades, a sensação ainda é a mesma, e será (eu acredito) sempre que adentrar novas salas de aula, ao realizar novas atividades; não por medo da incapacidade ou do fracasso, mas por ser justamente aquilo que é, o novo. A oportunidade de dar o meu melhor e aprender com o momento, com as práticas que ali se desenvolvem, com o trabalho de ser professora.

Um dos momentos mais aflitivos durante esse tempo foi adentrar nas salas de aula de maneira remota, via WhatsApp. Uma situação totalmente atípica não só para mim, mas também para os professores, as famílias e toda a comunidade escolar, de certo modo. Claro que as minhas expectativas para estar em sala de aula não foram alcançadas no primeiro momento. Tive que me adaptar a essa nova roupagem de se fazer educação, e não tenha dúvidas de que as perguntas - sobre aula via *WhatsApp*, *google meet*, *google classroom* e outros aplicativos - não foram constantes neste período e, que até hoje, não inundam a minha cabeça sempre que penso sobre a efetividade da educação realizada desta maneira. Questões como: “será que as crianças estão de fato aprendendo?”, “consegurei realizar o meu trabalho da



maneira que pretendo?”, “terei contato com a família e conseguirei interagir com a criança?” São regularmente pontos de reflexão para mim.

Não pense que sou uma crítica cética em relação ao ensino remoto, mas estar em sala de aula neste formato ainda me parece um tanto impessoal, já que entendemos a educação como um processo interacional. Não estar de fato em sala de aula, vivenciando aquilo que chamamos de “chão da sala de aula” revela uma lacuna em algo importantíssimo nesta equação, que é o próprio espaço educativo, o espaço construído por professores e alunos e que possibilita o contato com o conhecimento, com as letras, com os números, com os livros.

Quando entramos no curso de Pedagogia e temos contato com as teorias da aprendizagem, vimos que autores como Piaget, Vygotsky, Wallon, Paulo Freire e outros tantos atribuem à interação parcela significativa no momento de aprendizagem. E quanto dessa interação não temos perdido com uma educação mediada por aplicativo, longe dos nossos alunos e do ambiente escolar? Não quero dizer com isso que sou a favor da volta às aulas sem que as escolas tenham condições necessárias para atender os alunos ou mesmo a questões sanitárias (que ainda são relevantes para o enfrentamento da pandemia), por mais que as coisas tenham melhorado, não é esse o meu discurso. São apenas reflexões que me permitiram repensar uma prática (que é minha também) com um olhar mais sensível à aprendizagem das crianças, ao trabalho dos professores e indagar como será quando todas elas retornarem às escolas, às salas de aula como era antes da pandemia (se isso for possível).

Também não quero fazê-lo pensar, mesmo que implicitamente, que há algum culpado nesta situação. Não é isso que desejo e nem de longe acredito que haja algum culpado. Neste cenário, todos - os professores, os alunos, a escola e as famílias - foram pegos de surpresa. Nós, professores, precisamos de formação para atender as necessidades educativas de nossas crianças, uma formação continuada com a qual possamos exercer o nosso papel como educadores. Claro que tivemos que nos adaptar ao uso das tecnologias, com o auxílio das famílias, sim, mas assumimos um papel de proporções maiores, para o qual não estávamos preparados. Trabalhamos mais, pesquisamos mais e estudamos mais, abrimos a nossa intimidade e privacidade para melhor exercer o nosso papel, o ser professor. Mas, então eu pergunto: não é neste significar e ressignificar a nossa prática que reside o nosso trabalho docente? Esse



constructo social de se formar e reformar à medida que novas necessidades vão surgindo e queremos, intencionalmente, fazer o nosso trabalho melhor para que as crianças aprendam de fato?

Não acredite quando ouvir que os professores não são a favor da volta às aulas, porque não querem trabalhar (coisa que escutamos bastante ao longo desses dois anos de pandemia, principalmente em seu momento mais crítico). É só adentrarmos essa realidade excepcional que percebemos a inverdade de tal afirmação, e quão desrespeitoso é com professores que estão se reinventando e ressignificando seus conhecimentos, seus objetos de pesquisa, suas práticas docentes.

Há tantos outros momentos, tantas outras reflexões, mas como não quero me estender e, tampouco direcionar o nosso olhar a outros aspectos, finalizo aqui este breve partilhar das minhas reflexões mais recorrentes durante esses oito meses. Reflexões sobre essa prática - exercida por mais ou menos 2,6 milhões de professores no Brasil, nas condições que exercem, com as dificuldades que encontram e nos encantos que constroem - que o meu olhar tem mudado, tem se tornado sensível a verdade sobre o que é ser professora, a verdade (agridoce) do ensinar e aprender, a verdade da sala de aula que adentrei, deste momento na qual vivencio. É no respeito ao professor, na validade do ser professor, que fixo o meu olhar. É no mesmo sentimento de Freire (2020) que, ao refletir sobre essa prática e sobre as responsabilidades dela advindas, que pensou e lutou para que esta prática fosse (e seja) respeitada. E espero que você tenha percebido isso também nestas breves páginas e que minhas reflexões tenham, ao menos, instigado as suas.

Com carinho,

Renata Bastos

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 66. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.



Uma carta para minha professora preceptora

Cara professora, escrevo esta carta para compartilhar sentimentos e vivências, assim como uma amiga compartilha seus segredos com outra, o que a torna uma amiga que encontrei no meio de tantos processos que encontramos na graduação.

Ser uma residente no subprojeto Residência Pedagógica (RP) sempre foi o meu sonho, desde quando entrei na UFMA. Então, quando me inscrevi na seleção, algo me dizia que eu iria conseguir. E você não faz ideia do quanto eu fiquei feliz quando li meu nome naquela lista de aprovados. Meu coração não sabia como iria conter tantas emoções, mas aqui estou, mais viva que antes.

Na UFMA, sempre ouvia que a vida era um combate, e por isso afirmo nesta carta que todos os dias é um combate participar deste subprojeto, contudo prazeroso, pois eu já pude aprender tanto em tão pouco tempo, e só espero continuar e aprender mais.

Escrever tem sido para mim uma forma de registrar todas as experiências que tive e ainda terei, por isso esta carta tem um valor muito importante para mim, espero que ela me ajude a lembrar daqui a cinco, dez ou quinze anos de quem eu fui e de como cheguei aonde estou.

Vou contar um fato sobre mim: eu tenho muita dificuldade para me expressar atualmente. Eu gosto de dar voltas antes de contar os fatos importantes, minha psicóloga já deve ter descoberto isso, pois sempre me puxa para a realidade no meio da consulta. Mas a realidade é que esta pandemia tem mexido comigo de uma forma inexplicável, e creio que você também tenha os seus conflitos internos. Mas, enfim, voltando ao assunto...

Quando comecei a Residência, pude conhecê-la, e eu já senti que teríamos um caminho cheio de descobertas juntas neste “novo normal”. Desde o princípio você se mostrou compreensiva conosco, residentes da Creche.



A jornada tem sido uma montanha russa... há dias e “dias”. Dias em que estou motivada e feliz, e dias em que estou tão confusa, que tenho medo de pegar no meu notebook, a fim de escrever qualquer coisa cuja natureza seja acadêmica. E isso me rendeu uma agenda mensal em consultas com minha psicóloga. Mas isso se faz necessário, dadas as circunstâncias que nos rodeiam.

A Residência me abriu os olhos para o novo, eu sempre gostei de desafios e de sentir bem ao final de um longo processo, porém, no início, quando começamos a interagir no grupo do Whatsapp da turma, sentia sempre um frio na barriga, mas a senhora sempre estava ao nosso lado, nos incentivando a continuar, a conhecer nossas crianças e a se familiarizar com elas.

O que me deixa feliz são todas as vezes em que a senhora me deixa com uma responsabilidade, eu sei que isso irá contribuir para a minha formação, e como eu sempre realizo com alegria, fazendo o meu melhor com a certeza de que um dia será eu quem dará a oportunidade de uma residente entrar no meu espaço de trabalho.

No entanto, ainda há uma barreira a ser vencida, algo que ainda me deixa insegura, é o fato de eu mesma ser insegura. Ao longo desses meses em diversos momentos eu sentia que iria ser vencida pelo desânimo, mas sabe, quando eu recebia uma palavra amiga sua ou de qualquer outra professora, aquilo me colocava no eixo mais uma vez.

E quando li esta frase de Paulo Freire, que diz assim: “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza da alegria” (FREIRE, 1996, p.53). Era assim que eu me sentia quando eu me encontrava mais uma vez inserida nesse processo de busca pela minha realização neste projeto.

Mas sabe, minha amiga, eu só quero viver estes meses da melhor forma possível, superando todos os desafios que surgirem em meu caminho, pois é assim que eu penso que irei me tornar a professora que idealizo ser daqui para frente. Eu não poderia deixar de lhe contar, professora o quanto a RP tem me incentivado a me aventurar como uma futura pedagoga, tem sido um divisor de águas em minha vida. Sei que muitas barreiras ainda irei enfrentar no futuro. No entanto, estando neste projeto eu pude perceber o quanto é importante você dar o seu melhor em cada situação que enfrenta.



Daqui pra frente, eu imagino que eu vou conseguir superar as dificuldades e limitações de uma forma mais segura, pois estando nesta função de residente, fiz-me enxergar que existem muitas possibilidades de conquistar nossos objetivos e eu espero que eu continue amadurecendo e que um dia, eu seja um alguém com o senso do dever apesar de todas as dificuldades que irão aparecer, mas eu vejo como isso sendo possível simplesmente porque hoje eu já sou uma residente que vai em busca de seus objetivos, e que não faz algo pela metade, me dedico diariamente, para vencer o eu do dia anterior, para que eu seja uma melhor educadora no futuro, pois uma coisa aprendi com Freire: é que “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”(FREIRE, 2000, p. 67).

Como última fala nesta carta, eu gostaria de lhe agradecer. A senhora tem sido uma grande orientadora para mim. Eu me sinto muito feliz desde o primeiro dia em que lhe conheci como minha preceptora. Eu senti que eu estaria sendo amparada por uma excelente profissional e também uma pessoa boa que sente a maior felicidade em formar outras professoras, capacitadas para vencer em suas jornadas.

Espero continuar contribuindo na Creche, de modo que minha marca possa ser deixada na trajetória de vida de cada pessoa ao meu redor e que o meu nome seja lembrado com muito carinho e admiração, pois eu irei guardar todas as experiências, os choros, as mudanças e, principalmente, as conquistas que aqui ganhei.

Atenciosamente,

Sara Aroucha

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia** - saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.



Entre letras, amor e reflexão...

Amados(as) professores(as), residentes, estagiários(as) e pibidianos(as),

A partir dessas linhas, pretendo compartilhar com vocês um pouco das minhas vivências no âmbito do Programa Residência Pedagógica (RP) de Pedagogia, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Essa maravilhosa proposta de escrever cartas surgiu a partir dos nossos encontros virtuais e sob inspiração do que foi feito pela professora preceptora Noyra Fonseca. Espero que vocês consigam sentir um pouco do que eu sinto e imaginar um pouco do que eu tenho vivenciado.

Confesso para vocês que esse processo de escrita está sendo mais difícil do que eu imaginava. Percebi que falar sobre mim não é fácil. Gosto muito de ouvir e ajudar as outras pessoas, mas tenho muita dificuldade de abrir o meu coração para compartilhar o que sinto e o que penso. Ao mesmo tempo, está sendo um processo de muito amadurecimento pessoal e profissional, pois com a ajuda das professoras e dos(as) colegas da RP, estou conseguindo me reencontrar em meio a um turbilhão de desafios.

Para tentar superar essa barreira entre organizar o pensamento e escrever o que pretendo conversar com vocês, tenho me baseado nas cartas de Kramer (1989) quando ela diz que, ao mesmo tempo em que a carta a qual ela escreve é para uma professora, serve à própria autora também, pois é uma forma de pensar sobre o seu próprio trabalho. É justamente o que está acontecendo comigo enquanto escrevo, pois penso em compartilhar tantas coisas com vocês, ao mesmo tempo em que reflito sobre tudo o que já vivenciei, destacando os ganhos e os pontos a melhorar, visando desfrutar ao máximo de tudo o que o Programa me possibilita.

Sabemos que ser professor e professora nunca foi fácil. Vocês com certeza sabem disso e devem sentir o quanto a nossa profissão exige esforço, dedicação, empenho e muito tempo! Eu falo isso, pois mesmo ainda não tendo concluído a



graduação, tenho me aproximado da docência, graças às atividades da RP. Aproveitando esse momento de reflexão, eu quero logo dizer que tenho muita gratidão por fazer parte desse grupo tão rico e que nos proporciona momentos extraordinários. Fico imaginando que por pouco eu não estaria aqui, pois quando as atividades da RP iniciaram era um momento muito crítico por conta da pandemia e de tudo o que ela estava causando. Aos poucos e a passos cuidadosos, fomos cursando coletivamente essa jornada difícil, mas gratificante.

Confesso que, inicialmente, o meu interesse em participar do Programa se deu pela possibilidade de receber uma bolsa, tendo em vista que eu não possuía nenhum tipo de renda pessoal, pois no início da pandemia a escola onde eu atuava como estagiário demitiu todas as pessoas que exerciam essa atividade. Desde então, não consegui me recolocar em nenhuma tarefa remunerada. Todavia, durante o desenvolvimento da nossa trajetória, pude entender que o propósito em si era muito maior do que o valor econômico, pois se iniciava um momento primordial em minha vida acadêmica, igualmente a um divisor de águas.

Por muito tempo, fomos cercados de dúvidas, medos e incertezas, uma vez que, diferentemente da primeira, essa nova edição da RP precisou ser adaptada ao contexto do ensino remoto. Acredito que todas essas percepções que tenho relatado aqui também foram sentidas por vocês, professores(as), estagiários(as), pibidianos(as) e residentes, seja da Educação Infantil, do Ensino Fundamental ou de qualquer outro nível. Até porque, desconheço alguém que não tenha sido afetado por toda essa reviravolta em decorrência da pandemia.

Ao escrever para vocês, faço uma visita a um passado ainda bastante recente e penso em tudo o que deu certo e o que não saiu conforme planejei. Eu acreditava com muita convicção que, até o início de 2021, já estaria concluindo o curso de Pedagogia. Todavia, não foi assim que aconteceu. Embora lamente os acontecimentos, tento evitar pensar em como teria sido e busco ao máximo desfrutar das coisas que foram possíveis de se concretizar.

Até então, aqui na RP nós já participamos de diversas formações remotas voltadas para a área da alfabetização, do letramento e do próprio contexto de ensino remoto e todos os seus desafios e possibilidades. Também já estabelecemos vínculos



com escolas da rede municipal de ensino de São Luís, assim como temos pensado e feito diversas intervenções. Para nós, graduandos, cada encontro realizado e/ou cada momento de atividade nos possibilita refletir sobre os aspectos que envolvem a nossa profissão e contribuem para a construção da nossa identidade enquanto professores e professoras. É muito inspirador fazer parte de um grupo que está ombreado e trabalhando com o mesmo intuito de promover a educação e a aprendizagem de quem mais precisa.

Ainda acrescento que me sinto lisonjeado por fazer parte de um Programa tão importante, pois nos aproxima da docência de maneira orientada durante a graduação. As contribuições para a minha vida profissional são incontáveis, uma vez que o Programa me coloca diante de situações reais em que preciso me superar para desenvolver um bom trabalho, ainda como estudante, mas futuramente como professor licenciado. Confesso que ainda tenho limitações para planejar uma atividade pensando no desenvolvimento das crianças, assim como escrever um relatório ou um trabalho acadêmico, mas acredito que a melhor forma de aprender é praticar e preciso me permitir errar e recomeçar quantas vezes for necessário.

Não tenho dúvidas de que todas as vivências dentro do Programa serão bem aproveitadas e me tornarão uma pessoa mais sensível e um profissional mais bem preparado para o mundo do trabalho. Digo que não sou mais o mesmo do início da RP até aqui. O Programa tem me permitido refletir sobre o meu papel como professor e isso tem me tocado profundamente, pois vejo o quão desafiador e comprometedor é. Isso não me assusta, na verdade me encanta porque eu sempre fui apaixonado pela escola e pelos meus bons professores e professoras e não entendia o motivo. Agora sei que eles e elas na verdade são inspirações para mim e pretendo cumprir a minha missão na vida de muitas pessoas, assim como cumpriram na minha vida.

Nesse sentido, após as mudanças causadas pela pandemia, o contato com as crianças tem sido por meio do Whatsapp, o nosso grande aliado, porém a realidade é que parte das famílias possuem limitações com relação ao acesso à internet e aos aparelhos eletrônicos. Sabemos que o ideal seria que todos(as) estivéssemos reunidos(as) em sala de aula, porém ainda não é possível. Reafirmo o que Goulart (2015) nos diz que os processos de aprendizagem são complexos, pois envolvem os aspectos cognitivos, afetivos, biológicos e sociais. Sendo assim, somos



constantemente instigados a pensar em situações que permitam com que as crianças não só aprendam algo novo, mas que se apropriem do conhecimento de maneira que possam criticar, opinar e ressignificar. Procuo me colocar tanto no lugar das crianças, como na situação das famílias também, porque de uma forma ou de outra, a gente se identifica com os problemas e com a situação que temos passado de uns tempos para cá.

Ainda com todas as dificuldades, confesso que me sinto muito feliz a cada interação que consigo fazer com as crianças, pois penso que de alguma forma estou contribuindo com a aprendizagem delas. Também sinto que as famílias, principalmente as mães, que estão sempre presentes, adoram esse momento, justamente por ser uma forma de manter o elo entre a escola e as famílias.

Fico triste quando os problemas relacionados à conexão com a internet me impossibilitam de entrar em contato com as crianças, visto que algumas chamadas precisam ser finalizadas antes do previsto ou até mesmo canceladas. Infelizmente, ainda é uma situação bem real, não só em nosso estado como em tantas outras localidades do nosso país. Nós não estávamos preparados(as) para todos esses acontecimentos de maneira tão repentina.

Confesso a vocês que para chegar até aqui foi preciso muita determinação para vencer os medos e as incertezas dos tempos atuais e futuros. Mas tudo tem sido feito com muito cuidado, até porque não podemos nos encontrar presencialmente. Mesmo feliz com os avanços que temos conseguido, ainda tenho muitas inquietações com relação ao desenvolvimento dos(as) alunos(as). Não temos a certeza de que eles(as) estão realmente aprendendo, mas temos contado com o auxílio de muitos familiares que exercem o papel de mediadores(as).

Tudo o que vem ocorrendo é inédito e o que tentamos fazer é como se fosse um teste: se não dá certo de uma maneira, tentamos de outra. Tenho dedicado bastante tempo para elaborar intervenções que me aproximem mais ainda das crianças e acabei encontrando nos jogos uma forma de deixar as atividades mais lúdicas e interessantes. Na plataforma Wordwall identifiquei uma série de recursos gratuitos que têm facilitado o desenvolvimento das atividades e chamadas de vídeos com os alunos que acompanho. Agora me sinto mais animado porque a possibilidade



dos jogos online surgiu exatamente em um momento de muita angústia por não saber mais o que fazer para estar próximo das crianças no formato do ensino remoto, ao mesmo tempo em que percebia a necessidade de aprofundar o estudo de certos conteúdos com elas.

A partir do momento em que inseri os jogos nos encontros virtuais com as crianças, senti que elas reagiram positivamente e ficaram mais animadas, sempre aguardando os próximos encontros. Eu também me senti mais confiante por encontrar jogos prontos e outros que podem ser adaptados, como para a formação de palavras, letras que se associam a imagens, formação de frases e até jogos com cálculos matemáticos. O retorno que tive das mães das crianças foi muito positivo e me deixou com o coração mais tranquilo por saber que de alguma forma estava dando certo.

Afirmo que não foi fácil manusear os jogos, mas admito que me surpreendi com as infinitas possibilidades que a internet nos proporciona. Não conseguia me imaginar nessa posição de professor que elabora uma atividade e que acompanha as crianças, mas foi uma porta que se abriu com a RP na qual tenho amadurecido bastante pessoal e profissionalmente. Tento ser otimista e acreditar que tudo o que tem acontecido nesse percurso valerá muito a pena. Não falo apenas sobre as minhas dificuldades, mas sobre as dificuldades dos(as) colegas do Programa, das professoras e principalmente das crianças e suas famílias que acabam tocando também. Sei que não estou nessa posição de residente em vão e vou continuar me dedicando, dando o meu melhor para que todas as minhas ações tenham um propósito importante e significativo.

Não diria que finalizo por aqui a minha escrita, mas quero demarcar até aqui o que mais me motivou a compartilhar com vocês nesse primeiro momento. Quero dizer que todo dia é um aprendizado diferente, afinal nós nunca estamos prontos. Cada dia que se inicia é uma nova esperança que se apresenta diante de nós. Não tem sido fácil conciliar todas as demandas pessoais, acadêmicas e tantas outras... mas eu gostaria muito de enaltecer a vida de cada um(a) de vocês, professores e professoras. Eu tenho experimentado um pouco do que vocês enfrentam e sei o quanto é difícil. Já chorei, já pensei em desistir, mas também já recomecei e já me alegrei e me alegro muito. Eu nunca valorizei tanto o papel do profissional da



educação, assim como dos professores e professoras que passaram pela minha vida, como eu tenho valorizado agora.

Espero que, de alguma maneira, eu tenha atingido o meu objetivo de compartilhar um pedaço de mim com vocês. O que mais desejo é que possamos superar todos os nossos limites e que não venhamos a desistir, pois mesmo com as dificuldades, acredito que vai valer a pena. Quero que sigam em frente com o coração quentinho, com mais força para lutar pelo que acreditamos conjuntamente.

Com carinho,

Venâncio Pinheiro

Referências

GOULART, Cecília M.; SOUZA, Marta (Orgs.). **Como alfabetizar?** Na roda com professoras dos anos iniciais. Campinas, SP: Papyrus, 2015.

NUNES, C. (Org). **Escola e cidadania, aprendizado e reflexão.** OEA/UFBA/EGBA, Salvador, 1989.



A Didática no ecrã: o que o ensino remoto nos trouxe?

Decorridos dezenove meses da pandemia, somente agora consigo retomar a escrita sobre o papel e escrever, ainda desse lugar de muita introspecção e observação das realidades que ficaram sobrepostas num mesmo tempo. Tempo no qual o melhor exercício foi o de manter-se sã, em meio aos espaços vazios deixados pelas ausências. *Ausência que não é falta, mas um estar em mim*, como escreveu o poeta Drummond.

Ausência ampliada com o fechamento das escolas, onde o público e o privado se misturam com a entrada da escola nas nossas casas e acentua a ausência para estar em mim. Mais uma vez, com a falta de políticas emergenciais voltadas à educação em contexto pandêmico no país, coube a nós - professores e professoras - , sob forte pressão social, fazer algo para manter e desenvolver aprendizagens que foram interrompidas pela invisibilidade visível de um vírus.

A pandemia se revelou nova, mas operar em contexto de contingência na educação, infelizmente não é um capítulo à parte na nossa história. Antes, as faltas materiais, estruturais... diluíam-se numa manhã de encontros nos corredores, nas salas de aula. Salas que resguardavam, para além das interações, as seguranças didáticas de professores e professoras. Com o vírus, as paredes de tijolo da escola ruíram, emergindo de forma súbita as salas de aula formatadas nos ecrãs. O que fazer com os livros, os textos, os materiais físicos que faziam parte do nosso cotidiano há um longo tempo? Como ensinar em contexto remoto? A lista de interrogações é extensa, talvez reflexo da privação, dos problemas, dos medos... que ampliaram os nossos sentidos na busca de significado naquilo que realizamos num período de tempo reduzido.

Em meio ao turbilhão de pensamentos que povoam esse tempo, resiste o latente desejo de não deixar “[...] que o medo do difícil paralise você. Creio que o melhor ponto para começar é considerar a questão da dificuldade, a questão do difícil, em face de que o medo se situa” (FREIRE, 1997, p.27). No agora, com os



ensaios sobre a retomada da famigerada “vida normal”, ainda são múltiplas as questões que nos invadem e nos inclinam nesse exercício de escrita. Não numa tentativa de apresentar respostas, mas de compartilhar com você as reflexões que tenho vindo a fazer sobre esse entrelugar da sala de aula: se dele, para além das perdas, podemos falar de ganhos ao ensino. Para ajudar na organização das minhas reflexões, inicio divagando sobre a Didática como ciência do ensino, para depois avançar nas linhas que a colocam na formação docente, e, posteriormente, de como se revelam nos aspectos que configuram o ensino remoto.

Pois bem, Didática... que adjetivos utilizar para sobre ela falar? Será ela ainda hoje, como Comenius (2006) um dia registrou sob os traços da utopia, uma “arte de ensinar tudo a todos”? Do seu tempo e lugar, o pai da Didática ousou pensar um processo seguro e excelente de educar para a vida democrática presente e futura, num contexto de transições e mudanças sociais. O que torna seus registros cativos para retomarmos as discussões sobre a Didática nesse tempo que vivemos na educação.

Para avançar nessa conversa, busco as mais válidas palavras, pois a angústia se faz presente no reconhecimento da complexidade que a palavra *ensinar* abriga. Instruir, indicar, marcar, mostrar... palavras que sinalizam a gênese da sua concepção que chamam para junto de si, práticas mediadoras de informações sistemáticas orientadas as *aprendizagens*. Aprendizagens no plural, como são as pessoas e suas experiências subjetivas com as realidades. Realidades atravessadas pelos contextos sociais, políticos, econômicos, culturais, éticos, estéticos de cada época. Daí ousarmos dizer que, antes de ter uma opinião formada sobre tudo, a Didática é uma metamorfose ambulante (licença poética a Raul Seixas, 1973) que, como num holograma, envolve diferentes facetas das ciências que referenciam os modos de pensar o desenvolvimento humano.

Devo lhe dizer que, como ciência do ensino, há nela a necessidade da descoberta permanente do como ensinar? O quê? A quem? Em que circunstâncias? Por que? Para que? E um longo etecetera de perguntas que ainda refletem o desejo comeniano de “[...] investigar e descobrir o método segundo o qual os professores ensinem menos e os estudantes aprendam mais [...]” (2006, p.12) e, no cenário pandêmico, emergem como validas à interpelação da Didática, na busca de sabermos como ela se relaciona com aquilo que nós, professores e professoras, realizamos no



ensino remoto. As respostas envolvem o modo como analisamos, sob as lentes das teorias e das práticas, as realidades postas ao ensino e a aprendizagem.

Sabes - para além da presença do álcool, da máscara, do distanciamento, das medidas de biossegurança adotadas em função da Covid-19 -, as certezas que configuram a opacidade com que as teorias e as práticas interceptam a educação escolar formal (alicerçada em estruturas fixas e presença física num mesmo espaço), agora transpõem para um lugar de átomos, que torna fluida as relações que se dão no ecrã; os rostos, agora são ícones numa tela cujo sentido de presença também foi alterado. Estamos ao mesmo tempo com o olhar na televisão, no celular, no tablet Estamos num não lugar permanente (AUGÉ, 2019), descobrimos da pior maneira a dureza destas palavras, cuja presença do vírus trouxe consigo. Como ser e estar presente para si e para os outros num tempo de muitas ausências? Na ausência de uma educação mediada pelas relações e interações sociais físicas, como mediar os processos de ensino e de aprendizagem por meio das ferramentas digitais? Será essa uma “nova” utopia Didática no século XXI? Trilhamos hoje na busca de uma narrativa alternativa que sustente as nossas práticas.

A experiência do distanciamento do espaço físico das salas de aula, da rotina escolar, nos colocou num lugar de decodificadores desse lugar. A distância da escola tem levado a dela nos aproximarmos, a conhecermos aspectos que o cotidiano não permitia. Num contexto marcado por adversidades, aprendemos que “estudar é desocultar, é ganhar a *compreensão* mais exata do objeto, é perceber suas relações com outros objetos. Implica que o estudioso, sujeito do estudo, se arrisque, se aventure, sem o que não cria nem recria” (FREIRE, 1997, p.23).

Na trilha de uma compreensão aproximada da nossa realidade educacional, a Professora Isabel Alarcão tem um modo de apresentar a Didática com o qual simpatizo muito. Escreve que as dimensões investigativa, formativa e política formam um tríptico didático que se interceptam com o propósito de nos envolver numa “prática educativa renovada” (ALARCÃO, 2006, p.50), num processo de autoformação investigativa que engloba o contínuo interrogar-se sobre como conseguimos ensinar e aprender. Logo, “ensinar a arte das artes é, portanto, um trabalho sério e exige perspicácia de juízo [...]” (COMENIUS, 2006, p.15) de professores e professoras com a sua formação permanente. Ressalto com isso o valor epistemológico da prática reflexiva (referência a Donald Shön) que está nos



conduzindo no desenvolvimento dos nossos conhecimentos na ação, mesmo sem preparo prévio, sobre os meios digitais de ensino.

É... estamos acompanhando que, em diferentes pontos do país, professores e professoras vivenciaram/vivenciam uma sobrecarga cognitiva, na busca e troca de informações que lhes trouxessem maior segurança pedagógica em tempos de incertezas. Assumiram uma verdadeira postura autoformativa, que lhes permitiu construir redes de conhecimentos - por meio de *lives*, *webinários*, *grupos de whatsapp* - que passaram a integrar a cultura digital de uma Didática formativa orientada pela concepção alargada dos espaços de ensino. Com o *tsunami* da pandemia, o prefixo “re” entrou nas nossas vidas profissionais. Revisitar, replanificar, reorganizar, reavaliar, reenviar, reportar, reaprender, num exercício de “re”parar, “re”pensar, enfim, “re”fletir na ação e em conjunto: nos ajudar mutuamente a promover experiências de ensino que aproximem os estudantes do desejo de aprender, estabelecer associações, religar os saberes.

Mas, devo confessar a você que o nosso desejo de “manter” o ensino nas condições existentes não foi o suficiente para refutar os constrangimentos que a alteração do espaço (real para o virtual) trouxe. Aquilo que parecia ser a solução inevitável acabou por ampliar os problemas do dia a dia. A escola de átomo não chegou a todos e o afastamento físico ampliou as desigualdades educacionais.

De certo que o ensino remoto não substitui a experiência da partilha, a presença das palavras olhos nos olhos que mediam objetivos comuns. Bem verdade, ele inviabiliza a pedagogia do toque e de proximidade entre as pessoas. Com isso, reafirmamos que o pensar sobre a Didática está para além das ferramentas e plataformas utilizadas nesse período. Não podemos mais girar a legitimidade da Didática a partir de discursos limitados e caducos do ter ou não ter, como: o professor X tem uma boa didática; se o professor não tem uma boa didática, o aluno não vai se interessar pela aula. Pensar e fazer a Didática exige professores e professoras transeuntes, capazes de conceber novos caminhos para além daqueles já conhecidos, recordando: “[...] Charlie Chaplin multiplica as possibilidades da sua bengala: faz outras coisas com a mesma coisa, ultrapassando os limites que fixavam sua utilização às determinações do objeto” (DE CERTEAU, 1980, p. 181).

A Didática em si tem esse componente multiforme. Ela sofre das mudanças do tempo com o arrolamento de concepções que lançam luzes na construção de



trajetórias de ensino e de aprendizagens. As mudanças que solaparam a educação podem ser inicialmente assustadoras, mas eventualmente nos trazem a certeza que não podemos hesitar na busca das condições que nos permitam auxiliar e superar as dificuldades. No início é assustador deixar algumas coisas irem, temos uma tendência a combatê-las, temos dificuldades de deixar as coisas velhas. Tempos de mudanças que nos trazem à lembrança os versos de Camões.

*Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.
Continuamente vemos novidades,
Diferentes em tudo da esperança [...].*

Trago, enfim, a esperança de em breve podermos tomar juntos uma xícara de café num fim de tarde e conversar sobre as coisas que lhe escrevo. Sabes que aprecio seu indeclinável papel na produção de inteligência, o modo como interpela a realidade e tudo o que tem ocorrido nos últimos tempos.

Fique bem e em segurança.

Walkíria Martins

Referências

ALARCÃO, Isabel. Didáctica. In.: SÁ-CHAVES, Idália; MOREIRA, António; ARAÚJO e SÁ, Maria Helena (Coords.). *Isabel Alarcão: Percursos e Pensamento*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2006, p. 43-58.

COMENIUS. *Didática Magna*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

DE CERTEAU, Michel. *L'invention du quotidien: arts de faire*. Paris, Union Général d'Éditions, 1980.

FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1997.



Artigos





Diversidade e Estilos de Aprendizagem: implicações e percepções na pandemia

Professora Doutora Evelyn Santos,

Centro de Investigação em Didática e Tecnologia
na Formação de Formadores (CIDTFF),
Universidade de Aveiro.
evelynsantos@ua.pt

Introdução e contextualização

Retratar a realidade e a beleza da diversidade exige um olhar atento às necessidades especiais de cada pessoa, visando a transformação de estruturas e atitudes, de forma a promover a equidade e a igualdade de direitos e oportunidades. Esta realidade se molda de acordo com o contexto e com as especificidades de cada um. Contudo, algumas estratégias são transversais, em um desenho universal, e precisam ser delineadas, não necessariamente para tornar o caminho mais fácil, mas menos desafiante, promovendo maior igualdade frente às desigualdades (SANTOS, 2020).

Desta maneira, recebi o prazeroso desafio de compartilhar experiências e referências relacionados com a diversidade, estilos de aprendizagem e as implicações e percepções da educação em um cenário de pandemia por covid-19. Em um primeiro momento serão abordadas as premissas da diversidade, da aprendizagem, alguns dos processos e estilos de aprendizagem e um breve enquadramento sobre as inteligências múltiplas; vamos refletir sobre as nuances da pandemia e as suas implicações para a educação, não para aprofundamento desta temática, mas buscando considerar algumas das mudanças identificadas que poderão ser mote para a ressignificação da educação atual, bem como das práticas educativas dentro e fora da sala de aula.

Este texto surge a partir da compilação dos conteúdos abordados e dos questionamentos consolidados no *webinar* realizado pelo Programa Institucional de Residência Pedagógica, Subprojeto de Alfabetização da Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão. A publicação deste, bem como a construção

do presente *e-book*, tem como objetivo promover a inquietação para as reflexões sobre as possibilidades e necessidades educativas em prol de um desenho universal para a aprendizagem, de maneira a considerar, respeitar e trabalhar a diversidade, entre todos e todas, “EM QUALQUER LUGAR”. Reconhece-se que há muito a ser feito. No entanto, grandes percursos já foram trilhados. Assim como reforçado pelo meu conterrâneo Mário Quintana, “são os passos que fazem o caminho” e por isso, iremos partilhar histórias trilhadas e visitar autores de referência que nos auxiliam nesta grande jornada em prol da educação de qualidade e com equidade.

A Diversidade e o panorama atual

No ano passado, logo que a pandemia iniciou e o Brasil nem se quer contava com casos de COVID, eu estava em Moçambique a trabalho. Passei um mês junto da direção da Universidade Católica de Moçambique, no campus de Pemba, organizando palestras para os alunos, docentes, em um projeto de voluntariado em uma escola infantil e outras iniciativas a convite da diocese. Lembro que quando saí de Portugal rumo a Moçambique, não falávamos de casos de COVID, olhávamos apenas para os casos na China e tudo parecia tão longe, tão irreal.

Ao chegar no aeroporto de Luanda e depois de Maputo, me deparei e, até me assustei, com a realidade imposta - roupas, acessórios, controle de malas, medidas de temperatura, tudo tão diferente do habitual, da realidade de costume. Mesmo após essa surpresa, passei bons dias por lá. De fevereiro de 2020 a março de 2020 trabalhei muito, aproveitei a praia, a comida boa, o calor e as pessoas, tudo dentro da normalidade.

No entanto, o seguimento já conhecemos. Diferente do cenário inicial, as coisas aconteceram muito rápido, e esse vírus tão infeccioso acabou por se alastrar e transformar a realidade mundial. De repente o contágio por SARS-cov-2 começou a adentrar a Europa, 15 dias depois Portugal já tinha inúmeros casos, as pessoas estavam em casa assustadas, o medo e a incerteza se instauraram.

Fiquei presa em Moçambique. Foram dias de angústia, choro, preces, muito dinheiro envolvido, até que Portugal fez um voo de repatriamento. Meu hotel fecharia suas portas no dia seguinte, minha universidade arcou com os gastos dos dias a mais de hospedagem na capital, meu seguro de viagem foi acionado, mas não



cobria casos de ‘pandemias mundiais’. No aeroporto eu vi pessoas desesperadas porque não conseguiram embarcar, quer por falta de lugares ou de condições financeiras para o bilhete.

Na minha primeira semana de percepção real da pandemia - pois só posso dizer que foi real quando realmente senti na pele - ficou claro que este panorama global era um ‘divisor de águas’, de oportunidades, de acessos, de possibilidades e de recursos. Foi possível constatar que estávamos todos em um grande mar, no centro de uma mesma tempestade, mas em condições diferentes. Cada pessoa em busca de chegar seguro ao porto com o meio de transporte que tinha à disposição. Alguns se beneficiaram dos seus submarinos e sentiram um pequeno tremor, outros observaram a pandemia no conforto dos seus navios, iates ou cruzeiros e apenas notavam o balançar das ondas. Contudo, a maioria de nós, dos nossos alunos e das suas famílias, remaram muito contra a tempestade, na instabilidade dos seus botes e canoas.

No retorno a Portugal ouvia histórias, pedidos e reclamações. A colega de uma das minhas pacientes não tinha computador e a sua família não possuía condições de prover qualquer alternativa para a menina frequentar a escola. Sensibilizada, a mãe da minha paciente comprou um telefone e um plano de internet para que a menina tivesse acesso e condições mínimas de acompanhar as aulas.

As realidades e, principalmente as necessidades, eram diversas. Famílias utilizando o mesmo recurso para o trabalho de ambos os pais e para os estudos das crianças. A notícia de que a Universidade Católica de Moçambique - no campus Pemba (onde eu havia estado há poucas semanas) havia fechado temporariamente pois não possuía estruturas tecnológicas para providenciar o ensino remoto e seus alunos não tinham condições e acessibilidade digital para acompanhar. Lembro especificamente de uma palestra que proferi neste período, onde muitos professores estavam em espaços abertos, bares e restaurantes, em busca de acesso WiFi.

Ao chegar no Brasil as histórias continuaram. Não conheço as histórias de cada um de vocês que estão a acompanhar esta leitura - mas gostaria de conhecer. No entanto, imagino que sejam professores, estudantes, filhos, pais e que em algum momento perceberam esta realidade ao se depararem frente a tempestade, a mesma para todos, a pandemia nos atingiu como nação, reconhecendo que os recursos para a enfrentar não eram os mesmos.



Tantas situações opostas que a pandemia veio evidenciar, mas que na realidade, de alguma maneira, sempre estiveram expostas. Esta realidade veio intensificar as desigualdades sociais, económicas, mas principalmente de acesso à educação. Veio reforçar as premissas da equidade, principalmente entre os seus desafios e lembrar que não é/será preciso vivenciarmos mais uma pandemia mundial para percebermos que a diversidade permeia o nosso cotidiano. A diversidade dos nossos alunos ou futuros alunos, das suas necessidades, das famílias que entram em contacto connosco, a diversidade de recursos e oportunidades, uma diversidade que desassossega e agrega.

Inclusão e o Desenho Universidade para a Aprendizagem

Desde a licenciatura, tenho me debruçado em torno da área da inclusão. Primeiro, no âmbito da minha formação inicial, a graduação em Psicopedagogia, trabalhando com a inclusão de crianças com síndrome de down no pré-escolar. Anos depois, no mestrado, compartilhei o estudo e as experiências com estudantes com NEE no Ensino Superior e atualmente, no doutoramento, sigo investigando dimensões desta mesma área.

Estudar, ler, falar e partilhar boas práticas sobre inclusão me fizeram compreender que, quando olhamos para a diversidade como ‘normalidade’, não precisamos mais falar de inclusão. Não temos a necessidade de lutar pela reestruturação de práticas, espaços, metodologias e/ou atitudes. Quando compreendemos que somos todos diferentes, com necessidades e potencialidades únicas, consequentemente objetivamos que as oportunidades, os acessos e a educação sejam para todos. E para tal, como asseverado por Pacheco e Costas (2005), ao reconhecer as especificidades dos indivíduos, os professores precisam estar capacitados para atender as demandas dos seus alunos.

Ao reconhecer que somos todos diferentes, compreendemos também que o que é necessário para uma pessoa, pode ser simples para outra. Possivelmente, o que foi necessário para as inúmeras e distintas famílias, revelava-se como o mínimo de recurso que havia na minha casa. Quando compreendemos que a realidade do outro é distinta da nossa, temos maior possibilidade de olhar os contextos ao nosso redor com olhos de empatia, atenção e cuidado. A partir de um desenho universal



para a aprendizagem, que possibilite a efetiva participação e bem-estar de todos, serão encontradas as respostas às diferentes necessidades aferidas dentro e fora da sala de aula (NUNES & MADUREIRA, 2015).

Quando eu estava na antiga 4ª série, eu ainda não sabia olhar as horas. Na verdade, havia muitas coisas que eu não sabia, mas, em meio ao medo de demonstrar isso e tendo consciência de que tinha dificuldades para aprender sozinha, criei estratégias para tentar passar despercebida. Na 1ª série, decorei um livro e fingi que já sabia ler, na 4ª série tinha o caderno mais bonito, caprichado e completo da turma. Em grande parte das situações, eu passava despercebida, mas havia coisas específicas que me denunciavam e eu não me sentia à vontade e com liberdade para pedir ajuda para os meus pais ou professores. Parecia que a qualquer momento iriam rir de mim (queridos professores, estejam atentos, criem laços com os seus alunos para que eles possam se sentir à vontade em sala de aula).

Em um dia, à espera de uma consulta com a minha mãe, ela perguntou as horas. Eu fiquei em pânico, me aquietei e fingi que não havia ouvido. Ela tornou a repetir e eu logo respondi que não sabia. Neste momento, mais um dos segredos sobre as minhas dificuldades havia sido descoberto. Dias depois, minha mãe conversou com a professora e perguntou se eu poderia frequentar as aulas de reforço e explicou a situação. No primeiro dia, a professora perguntou quantos sabiam olhar as horas...para o meu pânico, a maioria levantou as mãos. Em seguida voltou a perguntar, mas agora de maneira mais específica, e então questionou quantos sabiam olhar as horas nos ponteiros, e para a minha surpresa, as mãos da metade da turma baixaram. Aquela professora nos ensinou a ver as horas e muito mais. Ela passou uma caixinha onde ela pediu que cada um pudesse escrever o que gostaria de aprender... tivemos aula de amarrar cadarço, tivemos aula sobre a tabuada do sete, sobre minutos e horas, sobre animais e muitas outras temáticas que me marcaram.

Não sei em qual perspectiva estava o meu olhar, mas eu achava que era normal ver as horas com a minha idade e por isso, não me sentia incluída no meu grupo. Contudo, naquele momento, a professora teve a sensibilidade e o entendimento de perceber que tínhamos diversas necessidades especiais, todas elas distintas e que ela poderia nos auxiliar, sem discriminar, sem gracejos com quem sabia e não sabia, inclusive incluindo a todos.



Nos últimos meses tenho auxiliado um menino do 8º ano. Ele ainda não lê e não escreve, não sabe as letras do seu nome completo e não reconhece todas as consoantes. O pensamento provável é de que “não é normal não saber ler nessa idade”. Mas vocês conhecem a história dele? O filho mais velho. Aquele que planta, capina, tira o leite, cuida dos outros irmãos mais novos, sabe consertar a sua bicicleta, é muito caprichoso consigo e com o seu material, tem uma ânsia por aprender e gosta de conversar. O JP tem dificuldade de aprendizagem, não possui um diagnóstico concreto e foi sendo aprovado ano a ano, sem apoio, atividades ou estratégias que o auxiliassem no seu processo. Com a pandemia, as coisas só pioraram. A família tem somente um telefone para dar conta de tudo e ele não consegue realizar as atividades com este recurso.

Estamos falando de um caso de ‘anormalidade’? Ou estamos a rever um dos muitos casos em que todo o entorno do sujeito contribui para a sua atual situação? E neste sentido eu me questiono: “conhecemos os contextos dos nossos alunos?” Temos verificado se eles passam fome, se tem recursos para acompanhar as aulas? Ou simplesmente temos contado as suas histórias de dificuldades de aprendizagem, suspirado e refletido “coitadinho, o seu desenvolvimento não é ‘normal’ para a idade e a família não dá o apoio necessário”.

Qual o nosso papel frente a estas situações? Qual o nosso contributo enquanto educadores e/ou futuros educadores? Estamos olhando, escutando e conhecendo os nossos alunos, os seus contextos ou apenas observando as respostas das atividades, tarefas e exames?

Lembro que quando me candidatei ao mestrado na Universidade de Aveiro fui chamada para a sala da coordenadora do programa. Lá a professora mostrou a classificação final do meu processo e eu fiquei muito admirada ao perceber que estava em primeiro lugar. Conte aqui algumas das minhas experiências e como eu tive dificuldades de aprendizagem ao longo do meu percurso estudantil (e poderia citar muitos outros exemplos), por isso devem imaginar a minha admiração com a notícia deste *ranking*. Foi então que a professora me disse: “sabe Evelyn, com essa nota você pode ir direto para o doutorado”. Eu refleti e ao pensar rapidamente concluí que ainda não possuía a ‘maturidade científica’ que um doutorado exige e optei por não pular etapas, pois sabia que ‘maturacionalmente’ precisava do meu tempo e desenvolvimento. Em seguida, agradeci com educação e muito curiosa, pedi



para olhar a minha classificação. O que mais me impressionou? Conseguem imaginar qual foi o item com maior peso para a minha nota final? A nota da licenciatura? Da pós-graduação que eu estava finalizando? Não, as maiores pontuações eram relacionadas aos meus estágios não remunerados e os muitos voluntariados que eu havia realizado.

Sabem, mesmo em uma universidade pública, com processos avaliativos tão exigentes, a minha trajetória pessoal e profissional foi considerada como ponto primordial. O foco não esteve assente sobre as minhas notas e produtos finais, mas sobre os aspectos que faziam de mim pessoa, cidadã e não só estudante. Revejo que o apanhado das minhas experiências fizeram de mim a Evelyn, aluna que chegou até ali, que atravessou um oceano para realizar um mestrado em educação inclusiva sozinha e que percorreu caminhos tão obscuros e também tão coloridos. Foi assim que compreendi que é essencial reconhecer o todo, do todo que nos cerca.

O que somos, quem somos, o que nos cerca, quem nos cerca e com quem nos tornamos? Tornamo-nos a partir de fatores biológicos, aqueles que nos são intrínsecos e que refletem as nossas heranças genéticas. Transformamo-nos a partir de fatores maturacionais, pois englobam o desenvolvimento de uma sequência biológica e física ordenada. Moldamo-nos por fatores psicológicos, na qual estão interligados com o nosso bem-estar psicológico ou distresse psicológico e podem ser desencadeados por situações específicas como traumas, maus-tratos, falta de cuidado e/ou abandono, mas também podem ser despoletados a partir da influência da herança genética.

Construímo-nos entre fatores sociais, a partir dos nossos vínculos, da qualidade das nossas relações e do nosso sentido de pertença. Envolve-mo-nos entre fatores históricos, na qual refletem a realidade da época em que nascemos ou vivemos, como as situações de guerra, período de pandemia, fatores socioeconômicos que influenciam uma sociedade, a família e também o indivíduo. Estamos assentes entre marcos culturais, sobre a relação com algumas crenças, rituais e até mesmo proibições.

E assim questionamo-nos “o que somos?”. Somos a soma de todas essas partes, do nosso ambiente, comunidade e contexto. “O que nos tornamos?” nos tornamos o reflexo daquilo que nos influencia e que com resiliência decidimos nos tornar. “Com quem nos tornamos?” Tornamo-nos com os outros, nunca sós. Tornamo-nos com a



nossa escola, universidade, com a nossa família, com os nossos professores, com os nossos amigos, vizinhos, comunidade, com a influência de cada um deles. Aprendemos e apre(e)ndemos com as experiências, junto do que somos.

Por isso, importa perceber que a inclusão não é um valor transversal da escola. O que despoleta a inclusão não é a deficiência ou às necessidades educativas especiais, mas o fato de se trabalhar com pessoas (RODRIGUES, 2004). E eu acrescentaria, o fato de trabalhar com as pessoas, pelas suas características tão únicas e diversificadas.

Não precisamos falar de deficiência, de diferentes necessidades educativas especiais, ou de dificuldades de aprendizagem para falar de inclusão. Basta falarmos de diversidade e da necessidade de equidade de oportunidades. José Saramago (1998), escritor português nos relembra que "o problema não está em sermos diferentes. Está em que, quando falamos de diferença, de diferentes, estamos involuntariamente a introduzir um outro conceito, o conceito de superior e de inferior. É aí que as coisas se complicam" (p. 484).

Aprendizagem - seu estilos e multiplicidades

É nas diferenças que encontramos as nossas semelhanças como seres humanos. Semelhanças que nos fazem querer viver e aprender, nos deparando com um palavra que nos une: "aprendizagem", pois estamos constantemente a aprender e somos pessoas com dificuldades em algumas habilidades, mas com muita capacidade em outras (SANTOS, 2020).

A aprendizagem envolve uma rede multifacetada que engloba redes afetivas, como motivação, de modo a considerarmos porque aprendemos, as redes de reconhecimento, que nos incitam sobre o que aprendemos e as redes estratégicas, que nos asseveram como aprendemos.

Acesso à informação não é garantia de aprendizado, por isso nos perguntamos "todos são aptos a aprender?", "todos são aptos a ensinar?", "todos são aptos a aprender a qualquer hora?", "todos são aptos a aprender de qualquer forma?". Independente da idade da pessoa ou da fase da vida em que esta se encontra, existirão novas coisas a aprender, por isso muitas vezes ao falarmos de aprendizagem, recorreremos ao conceito de 'aprendizagem ao longo da vida'.



É um processo que se inicia desde o nascimento e perdura durante toda a vida, pois em qualquer situação o indivíduo está aprendendo, sendo que a cada aprendizagem varia seu comportamento (TAVARES et al., 2007). Os autores exemplificam que existem formas diferentes de aprendizado, o formal, na qual são consideradas as aprendizagens direcionadas através de cursos, formações, do próprio currículo, por exemplo, e a informal, que se destaca pelas curiosidades, pela experimentação e observação.

A estrutura cognitiva vai se construindo concomitantemente à construção de novos conhecimentos, pela busca do sujeito de se adaptar ao ambiente. As diferenças de ritmo de aprendizagem ocorrem em virtude da estimulação do meio cultural e social, da motivação, das diferentes potencialidades de cada criança, da sua herança genética e, ainda, do exercício dessas potencialidades.

Contudo, muitas vezes associamos os ritmos e estilos de aprendizagem estritamente às condições socioeconômicas dos alunos. No entanto, elas são fruto de amplos contextos, oportunidades e vivências. Até mesmo a forma como abordamos os conceitos em sala de aula, como as famílias conversam com essas crianças, a maneira como incentivam a sua curiosidade, entre outros aspectos.

E assim, voltamos aos questionamentos: “todos são aptos a aprender a qualquer hora?”, “todos são aptos a aprender de qualquer forma?”. E ao refletirmos sobre estas questões, reconhecemos que as condições físicas por si só não se traduzem nos principais desafios, mas a forma como são vistas, como são geridas e até mesmo avaliadas e intervencionadas.

As aprendizagens são constantes na vida de uma pessoa, porém existem algumas condições que podem favorecê-las ou inibi-las, como as físicas, psicológicas, ambientais e sociais (LA ROSA, 2003). As condições físicas podem ser temporárias ou permanentes, são consideradas as condições orgânicas, bem como as relacionadas com a maturação do sujeito, quer pelo amadurecimento físico, como psicológico, permitindo a realização de determinadas aprendizagens.

Em sala de aula, o que poderemos fazer para potencializar as necessidades relacionadas às condições físicas? Alguns exemplos podem ser pensados, tais como provas orais, envio prévio do material da aula para a criança e/ou família, impressões em braille quando preciso, mudança de sala de aula para que seja mais acessível, utilização de diferentes recursos (auditivos, visuais, sensoriais).



No que toca às condições psicológicas, essas poderão estar associadas com as palavras de reforço, incentivo, motivação, para que o aprendiz se sinta capaz de alcançar os seus objetivos. Assim, é importante elogiar, reforçar que estamos todos a aprender, consolidar um espaço em que se prime pelo respeito, criar situações de companheirismo e ajuda mútua.

Promover palavras de apreço com os alunos e entre eles poderá ser uma importante ferramenta. Não se trata só de impulsionar, mas de mostrar que se é capaz. A motivação tem sido objeto de estudo central no âmbito da psicologia da educação e da aprendizagem, dado ser um importante fator no comportamento em particular, e nas atitudes em geral. Associados a ela, estão outros processos mentais como o pensamento, a linguagem, a aprendizagem, a memória, a emoção, entre outros. Para que as aprendizagens ocorram, é necessário um estado de alerta, impulso, desejo de aprender, ou seja, é necessário que haja motivação.

Segundo Tavares et al. (2007), existem vários tipos de motivações, entre as quais as fisiológicas que se refletem em fome, sede, sono, as combinadas, como por exemplo o comportamento sexual e maternal e as sociais e cognitivas, relacionadas com a afiliação, realização, necessidade de poder e obtenção de conhecimento.

Seja para as situações satisfatórias, como para as situações menos satisfatórias. É importante estar atento ao que o aluno está transparecendo. É essencial perceber que enquanto futuros professores, temos também uma grande responsabilidade, pois a criança reflete o que vive, por isso, importa que possamos (re)conhecer contextos.

Consoante às condições ambientes, provavelmente vocês ouviram frases como “eu me adaptei muito bem ao ensino remoto”. Essa realidade poderá estar associada com o estilo de aprendizagem da pessoa, que talvez favoreça a sua atenção, organização e motivação através do ensino remoto mais do que pelo ensino presencial, contudo, muito dessa característica está associada com as condições ambientais. O esforço para chegar à escola, os gastos acrescidos, as condições providenciadas pela instituição os recursos materiais, entre outros aspetos que poderão, ou não, proporcionar acessibilidades estruturais e físicas, até mesmo os refletirmos sobre os casos dos alunos que dependiam das aulas presenciais para ter acesso a alimentação do dia.



Exemplos simples para verificarmos e/ou potencializarmos as condições ambientais são: abrir as janelas para que o ar puro possa entrar, primar pela limpeza da sala de aula, estimular os estudantes a cuidarem de si e do seu espaço, propor alguns lanches coletivos para partilhar com os que não tem, favorecer campanhas de materiais escolares, criar bibliotecas ou possibilitar o acesso a biblioteca da escola com frequência para facultar o acesso dos alunos aos livros, quando estes não possuem essa alternativa por outras vias.

Quanto às condições sociais, seus princípios são a promoção de atitudes que incluem e não segregam, de maneira a equilibrar as desigualdades, criar espaços para cooperação e não competição. Em qualquer situação que viva, o ser humano tem sempre presente o contexto social, sendo este de muita importância para sua integração.

Dois dos aspectos importantes quando se fala em condições sociais centram-se na competição e na cooperação. A competição quando utilizada com coerência, às vezes, pode ser uma boa técnica para a mobilização e motivação dos alunos. Contudo, é a partir da cooperação que encontramos formas de condição social para a aprendizagem. Cooperação significa trabalho em conjunto, interativo, em que os benefícios pessoais e grupais são comuns.

Podemos ver o exemplo da minha professora, que ao compreender as nossas necessidades e desafios, não criou estratégias para incentivar a competição de quem acertava as horas, nem a exposição de quem sabia e de quem não sabia, mas construiu pequenos grupos, onde todos tinham a oportunidade de cooperar e se sentir incluídos, com as suas necessidades em comum. É imprescindível compreender o universo do aprendente, aquilo que faz sentido no seu contexto, que está envolto na sua realidade, antes de achar 'fora da normalidade' e/ou desajustado. Assim, entre os processos de aprendizagem e condições para a aprendizagem, é preciso também ter em consideração os estilos de aprendizagem.

Lembro que quando comecei o curso de psicopedagogia este foi um dos assuntos que mais prendeu a minha atenção. Tão simples, tão óbvio, pouco explorado na prática e em contexto de sala de aula. De grosso modo, podemos dizer que possuímos diferentes estilos de aprender. Acredito que alguns de vocês preferem estudar fazendo apontamentos (imagino que estes estejam com seus cadernos e



agendas listando as palavras e conceitos chaves). Essas pessoas, quando leem um livro, rabiscam para compreender melhor e fazem anotações ao redor.

Por outro lado, existe um grupo de pessoas que optam pelas estratégias e hábito de leitura. Já estão pensando em pedir o *slide* para depois reler, gostam de ver as imagens e tudo aquilo que os remete ao visual. Acreditam que com as ilustrações o tema faz mais sentido, assistem vídeos no *youtube* sobre a temática para que possam visualizar as exemplificações.

Em diversos casos a escuta é a melhor forma para reter informação. Os aprendentes deste grupo fazem poucos apontamentos, mas decoram tudo o que ouvem. Quando a professora completa o quadro, mas não explica, fica difícil compreender a matéria. Chegam em casa, ouvem podcasts, acessam livros em áudio, adoram perguntar, pois ouvir as respostas lhes faz mais sentido do que uma busca nos livros, por exemplo. Não se trata só de material acessível para aqueles que têm deficiências visuais, são opções mesmo.

Por outro lado, temos aqueles que possuem os chamados ‘estilos cinestésicos’. Neste grupo, as pessoas preferem os trabalhos em grupo, as oportunidades de partilha, de experiências, a elaboração de trabalhos que envolvam arte, maquete, esquemas. Tocam, sentem e vivem a aprendizagem.

Frente ao exposto, reconhece-se a importância de estruturar a metodologia de ensino para que se adeque a estes diferentes estilos, de modo a chegar a todos os estudantes, por meio de um desenho universal para a aprendizagem. Por isso, exemplificamos o que vamos fazer, descrevemos o que vamos solicitar na prova, disponibilizamos o material *online* ou impresso. É por esse objetivo que são expostos os exemplos da vida real, introduzindo figuras nos *slides*, mas ao mesmo a ênfase nas palavras-chave, iríamos fazer atividades em grupo, pensar no coletivo, partilhar experiências para aprofundar o conteúdo. Cada um com a sua maneira de ensinar, cada um com a sua maneira de aprender.

E pensando nesta realidade, questionamo-nos “será a nossa forma de pensar equitativa?”, “será a nossa forma de avaliar equitativa?” Como tem sido descrito, a realidade da pandemia tornou muitos contextos educativos ainda mais excludentes, impactando o dia-a-dia e a prática pedagógica. No entanto, mais do que os desafios que nos cercam, podemos (re)pensar “como poderemos favorecer a equidade?”. A resposta parece simples. Através da disponibilização da informação prévia, da



atenção e compreensão dos contextos dos nossos alunos e das suas famílias, bem como das suas necessidades e potencialidades.

Além do mais, os estilos e condições de aprendizagem, poderão facilitar ou dificultar o processo. Isso faz sentido? Pensem um pouquinho nas experiências de vocês enquanto alunos nas séries iniciais. Observem agora as suas experiências enquanto estudantes do ensino superior, futuros educadores e percepcionem estes fatores. Como será a vossa postura com os vossos alunos enquanto professores?

Howard Gardner, em 1980, desenvolveu a teoria das inteligências múltiplas, não como um método pedagógico. Segundo Gardner (2008), o conceito de inteligência através do teste de QI (quociente de inteligência) não era suficiente para descrever a grande variedade de habilidades cognitivas humanas e por isso sustentava que as inteligências não são objetos que possam ser quantificados, e sim, potenciais que poderão ser ou não ativados, dependendo dos valores de uma cultura específica, das oportunidades disponíveis nessa cultura e das decisões pessoais tomadas por indivíduos e/ou suas famílias, seus professores e outros.

Desta forma, reconheceu as inteligências múltiplas como capacidade do aprendente para a lógica, abstração, memorização, compreensão, autoconhecimento, comunicação, aprendizado, controle, controle emocional, planejamento e resolução de problemas pois tal como afirmado pela célebre frase do poeta e dramaturgo Tennessee Williams, todos são bons em alguma coisa. Alguns são melhores em muitas coisas. Tudo o que temos a fazer é dar oportunidade para que cada um descubra e demonstre em que é melhor.

Gardner (2008) afirmou que estas inteligências se apresentam de duas formas. Algumas pessoas já nascem com determinadas inteligências, a partir da herança genética. Porém, as experiências vividas também contribuem para o desenvolvimento de determinadas inteligências, seja pelo contexto histórico, familiar, cultural e/ou socioeconômico. Se uma pessoa, por exemplo, nasce com uma inteligência musical, porém as condições ambientais da escola, família, região onde mora não oferecem estímulos para o desenvolvimento das capacidades musicais, dificilmente este indivíduo será um músico e potencializará as suas capacidades.

Neste contexto, estejam cientes das suas preferências, do seu perfil de aprendizagem, das suas áreas de interesse. Reconheçam essas características nos seus alunos, considerando que todos temos limitações e potencialidades. Interajam



com a sua comunidade de aprendizado por meio de postagens *on-line*, fóruns ou redes sociais. Desenvolvam oportunidades de boas práticas compartilhadas, estabeleçam relações de cooperação, criem ambientes de aprendizagem mais pessoais, relacionais e afetivos. Utilizem diferentes ferramentas de aprendizagem para um melhor envolvimento e forneçam *feedback* contínuo.

Incentivem seus (futuros) alunos a confiarem nas suas capacidades, valorizem o que eles gostam e fazem, ressaltem os acertos - ainda que pequenos, evitem enfatizar os erros, valorizem o esforço e interesse do aluno, atribuam tarefas que possam fazê-los sentirem-se úteis, elaborem oportunidades para a participação. Optem pela flexibilização de conteúdos e processos avaliativos, objetivando a concretização da premissa da educação para todos e todas, respeitando e favorecendo a diversidade.

Para que isso possa ser concretizado, será necessário identificar as capacidades e potencialidades dos alunos, traçar um plano educativo individual que valorize as potencialidades de cada um e atenuar as principais dificuldades pois temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades (SANTOS, 2003, p. 56).

Referências

ASENCIO-FERREIRA, Vicente José. **O que todo professor precisa saber sobre neurologia**. São José dos Campos: Pulso, 2005.

COLL, César. **Desenvolvimento psicológico e educação**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

DELMINE, Roger & VERMEULEN, Sónia. **O Desenvolvimento Psicológico da Criança**. Porto: ASA, 2001.

DUMAS, Jean. **Psicopatologia da Infância e da Adolescência**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

GARDNER, Howard. **Multiple Intelligences: New Horizons in Theory and Practice**, New York: Basic Books, 2008.

LA ROSA, Jorge. **Psicologia e Educação: o significado do aprender**. 6. ed. Porto Alegre: EdiPucrs, 2003.



NUNES, Clarisse & MADUREIRA, Isabel. Desenho Universal para a Aprendizagem: Construindo práticas pedagógicas inclusivas. **Da investigação às práticas**, v. 5, 2, p. 126-143, 2015.

PACHECO, Renata Vaz & COSTAS, Fabiane Adela Tonetto. O processo de inclusão de acadêmicos com necessidades educacionais especiais na Universidade Federal de Santa Maria. **Revista do Centro de Educação**, v. 27, p. 1-11, 2005.

RODRIGUES, David. A inclusão na Universidade: limites e possibilidades da construção de uma universidade inclusiva. **Revista do Centro de Educação**, v. 23, p. 1-5, 2004.

RUBINSTEIN, E. R. **O estilo de aprendizagem e a queixa escolar: entre o saber e o conhecer**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SANTOS, E. M. F. **Potenciar a transição e a inclusão no ensino superior: a experiência de estudantes com NEE e seus familiares**. 2020. Tese de doutorado não publicada (Doutorado em Psicologia da Educação) - Departamento de Educação e Psicologia, Universidade de Aveiro, Aveiro - Portugal, 2020.

SARAMAGO, J. **Discursos de Estocolmo**. Lisboa: Fundação José Saramago, 1998.

TAVARES, José; PEREIRA, Anabela Sousa; GOMES, Ana Allen; MONTEIRO, Sara Marques & GOMES, Alexandra. **Manual de Psicologia do desenvolvimento e aprendizagem**. Porto Editora: Porto, 2007.

UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL. **Psicodinâmica da aprendizagem**. Ulbra: Curitiba, 2009.





O Discurso Científico e a Presença Subjetiva do Professor

Professora Doutora Lia Fonteles Serra,

Departamento de Educação II - Universidade
Federal do Maranhão
lia.fonteles@ufma.br

Introdução

- O que é que se consegue quando se fica feliz? Sua voz era uma seta clara e fina. A professora olhou para Joana.
- Repita a pergunta...?
Silêncio. A professora sorriu arrumando os livros.
- Pergunte de novo, Joana, eu é que não ouvi.
- Quería saber: depois que se é feliz o que acontece? O que vem depois?
Repetiu a menina com obstinação. A mulher encarava-a surpresa.
- Que ideia! Acho que não sei o que você quer dizer, que ideia! Faça a mesma pergunta com outras palavras...
- Ser feliz é para se conseguir o que?
A professora enrubescou - nunca sabia dizer por que ela avermelhava. Notou toda a turma, mandou-a dispersar para o recreio. O servente veio chamar a menina para o gabinete. A professora lá se achava:
- Sente-se... Brincou muito?
- Um pouco...
- Que é que você vai ser quando for grande?
- Não sei.
- Bem. Olhe, eu tive também uma ideia - corou - Pegue num pedaço de papel, escreva essa pergunta que você me fez hoje e guarde-a durante muito tempo. Quando você for grande, leia-a de novo. - Olhou-a. - Quem sabe? Talvez um dia você mesma possa respondê-la de algum modo... - Perdeu o ar sério, corou. - Ou talvez isso não tenha importância e pelo menos você se divertirá com...
- Não.
- Não o que? - perguntou surpresa a professora.
- Não gosto de me divertir, disse Joana com orgulho.
A professora ficou novamente rosada:
- Bem, vá brincar.
Quando Joana estava à porta em dois pulos, a professora chamou-a de novo, dessa vez corada até o pescoço, os olhos baixos, remexendo papéis sobre a mesa:
- Você não achou esquisito... engraçado eu mandar você escrever a pergunta para guardar?
- Não, disse.
Voltou para o pátio

(Clarice Lispector, *Perto do Coração Selvagem*)

A questão feita por Joana à professora, no trecho acima, bem como as respostas que esta última lhe dá, nos faz lembrar que a educação se faz com ato. Nos mostra que ser educador vai muito além de ser especialista em uma área do conhecimento. Não se trata apenas de dar respostas ou agir conforme procedimentos, mas, antes de tudo, de fazer laço, como nos diz Carvalho (2013, p. 72, grifo do autor):

[...] as pessoas - sobretudo os alunos em formação - não reagem apenas a técnicas, métodos e procedimentos a que são submetidos. Reagem também e fundamentalmente à singularidade da pessoa que os ensina, à sua visão de mundo; reagem, portanto, não somente *àquilo* que um professor faz, mas a *quem* ele é.

Contudo, nossa experiência nos mostra que andamos esquecidos disso. Estamos cada vez mais às voltas com a necessidade de neutralizar a educação a ponto de querer torná-la mera transferência de conhecimentos, mesmo que os discursos pareçam dizer o contrário. Ainda que nos importemos com as questões do afeto, por exemplo, a história do discurso educacional que construímos ao longo dos últimos anos¹ nos leva a incorporar o afeto enquanto pertencente ao ideal de sujeito epistêmico, aquele cuja racionalidade o define. Com isso, deixamos de lado a noção de que o afeto é aquilo que nos afeta, nos movimenta, aquilo que não depende apenas do que pensamos, da nossa razão. É a partir dessa percepção que partimos do saber psicanalítico para subverter o cogito cartesiano que, ainda que ultrapassado em certos aspectos, continua funcionando como malha discursiva para as compreensões atuais acerca do homem. Tomamos, assim, a subversão feita por Lacan (1969) “sou onde não penso” para chamarmos atenção ao que queremos desenvolver neste trabalho.

É nesse sentido, então, que formulamos a seguinte questão: o que nos levou a suprimir de nossos discursos a noção de que a um educador ou a uma educadora é necessária uma posição subjetiva e não somente um conhecimento especializado para que possam educar? Quais as implicações disso? Foi com base nessas inquietações que surgiu a ideia deste artigo.

¹ Para aprofundamento sobre esta temática, buscar a tese de doutorado de nossa autoria, intitulada: O Discurso da BNCC entre o transmitir e o aprender: a dialética que virou dilemática, disponível no banco de teses da USP.



A presença subjetiva do professor

Se retomarmos a história do desenvolvimento científico no mundo ocidental, conseguimos captar alguns porquês acerca das transformações da posição do educador no discurso contemporâneo.

A ciência, ao longo da história, sofreu modificações importantes que nos apontam para o surgimento do terreno fértil para que ela pudesse se entranhar nas sociedades, passando a ser o norte dos costumes, como podemos observar atualmente. Lebrun (2004, p. 65) nomeia essas modificações da seguinte forma, numa linha geracional: “discurso do homem de ciência”, “discurso científico” e “discurso técnico”.

No estudo realizado por ele, enfoca esses três momentos a partir das marcas que o desenvolvimento científico deixou no discurso da ciência. Para ele, o primeiro momento em que o homem é parte da ciência, se funda por volta do século VI a.C., quando os gregos inauguram a prática da crítica e da discussão racional acerca da natureza. É quando surgem as ideias que separam as explicações sobre as coisas do mundo das divindades, dos misticismos, da metafísica.

Nesse tempo, Francis Wolf (1991 *apud* LEBRUN, 2004, p. 56) indica que “o voto dos gregos era visar uma *episteme* como um discurso no qual teria desaparecido qualquer traço de interlocutividade”. Visavam, então, desde esse primeiro tempo de elaboração, fazer com que a ciência se desembaraçasse de sua dimensão retórica, “que a linguagem só fosse utilitária, que só lhe servisse para comunicar suas descobertas; assim fazendo, o que [a ciência] visava era bem liberar-se de sua dívida com respeito ao que falar implica” (LEBRUN, 2004, p. 56). É a base das premissas de neutralidade e objetividade da ciência. Porém, é necessário uma longa espera para que, de fato, esta possa se instalar como discurso nas sociedades, o que apenas se concretizou a partir do *cogito* cartesiano, no qual a ciência “se autoriza a se fundar somente nela mesma e não na coisa existente, como também não em Deus” (LEBRUN, 2004, p. 57).

A partir de Descartes (1637, 1996), o foco da ciência não é mais a percepção, mas as ideias. Juntamente com os sentidos, a própria tradição é posta em dúvida. Seu método consistia em fechar os olhos, tapar os ouvidos e não tocar, mas voltar-se a si mesmo, buscando clareza nas ideias para seu entendimento.



O procedimento que Descartes autorizou por seu *cogito* é o de não se apoiar a não ser em seu próprio entendimento, para logo esquecer esse passo originário. Assim é conquistada a certeza sobre a qual o saber pode se construir e até ser acumulado. É por esse mesmo duplo movimento que procede o homem da ciência moderna: enunciar o que afirma para logo esquecer que houve enunciação e reter apenas os enunciados que produziu. Em outras palavras, apagar o dizer para só guardar os ditos suscetíveis de serem transmitidos. (LEBRUN, 2004, p. 60)

É então somente na conjuntura histórica do século XVII que começa a se produzir e instalar um discurso científico, conforme pressupunham os gregos antes mesmo da antiguidade, esvaziado de interlocutividade, de fala, de subjetividade.

A terceira geração é delimitada por Lebrun (2004) com a marca de dois eventos importantes: o primeiro, o lançamento da bomba atômica em Hiroshima e o segundo, a ida do homem à lua. Esses eventos marcam uma diferença na relação do homem com a ciência, tanto ao sofrerem os perigos do seu progresso quanto ao entrarem numa nova perspectiva de existência por conta desse progresso. Porém, aquilo que marca de maneira mais profunda a nossa relação com a ciência, a partir de tais episódios, é a crescente perda da espontaneidade, gerando uma ampla dependência da tecnologia, que nos coloca em uma relação artificial com o mundo, abandonando os parâmetros da vida habitual.

O progresso científico, portanto, para Lebrun (2004), implicou em uma produção científica pautada em três momentos: a produção dos enunciados, que, pelos objetivos da ciência, impõem uma exclusão do sujeito; depois a tomada desses enunciados como absolutos pelos que não têm que bancar essa exclusão, ou seja, por quem não esteve implicado nessa produção; e, por fim, o consumo do que se produziu.

A relação estabelecida com a ciência no mundo contemporâneo traz como marca o consumo, algo que se constitui pelo refinamento da reciprocidade entre ciência e modo de existência capitalista. É nesse refinamento, portanto, que observamos no discurso científico atual a tomada dos enunciados científicos sem qualquer vestígio da enunciação que o produziu, ou seja, sem a marca do humano. Isso inaugura um movimento em que tudo se consome, inclusive a própria relação do homem com o mundo.

Na primeira geração, apesar da pretensão de exclusão da enunciação, para a ênfase apenas nos enunciados, ainda é forte a marca do subjetivo de quem produz o saber científico, o nome do cientista ainda se confunde ao conhecimento produzido.



Na segunda, inaugurada pelo *cogito* cartesiano, ainda restam vestígios do apagamento da enunciação, das marcas subjetivas, enquanto na terceira, o produto aparece para consumo já completamente sem vestígios de enunciação.

Essa análise é interessante na medida em que podemos notar que, atualmente, ao arriscarmos estar sob a autoridade da ciência, ou seja, ao tomarmos seus enunciados como fundadores de nossa relação com o mundo, vivemos, como apontava Arendt (2011) em 1954, uma perda da autoridade, uma vez que não há autoridade sem enunciação, sem um alguém que fale, ou seja, uma autoridade que seja anônima. Essa perda se construiu gradualmente, a partir dessas transformações do discurso científico, transformações estas cujo fim é o apagamento da palavra. Na leitura de Arendt (2007, p. 11),

[...] os primeiros efeitos colaterais dos grandes triunfos da ciência já se fizeram sentir sob a forma de uma crise dentro das próprias ciências naturais. O problema tem a ver com o fato de que as “verdades” da moderna visão científica do mundo, embora possam ser demonstradas em fórmulas matemáticas e comprovadas pela tecnologia, já não se prestam à expressão normal da fala e do raciocínio. [...] Ainda não sabemos se esta situação é definitiva; mas pode vir a suceder que nós, criaturas humanas que nos pusemos a agir como habitantes do universo, jamais cheguemos a compreender, isto é, a pensar e a falar sobre aquilo que, no entanto, somos capazes de fazer. Neste caso, seria como se o nosso cérebro, condição material e física do pensamento, não pudesse acompanhar o que fazemos, de modo que, de agora em diante, necessitaríamos realmente de máquinas que pensassem e falassem por nós. Se realmente for comprovado esse divórcio definitivo entre o conhecimento (no sentido moderno de *know – how*) e o pensamento, então passaremos, sem dúvida, à condição de escravos indefesos, não tanto de nossas máquinas quanto de nosso *know-how*, criaturas desprovidas de raciocínio, à mercê de qualquer engenhoca tecnicamente possível, por mais mortífera que seja.

Assim, observamos a tendência do discurso científico em rechaçar qualquer participação subjetiva em nossa relação com o mundo. Nesse sentido, apenas máquinas ou conhecimentos (tomados como enunciados científicos) poderiam nos conduzir nessa relação.

Observamos assim que, uma vez que o conhecimento científico passa a conduzir nossas explicações sobre o mundo, no momento em que este se associa indiscriminadamente ao funcionamento neoliberal ligado à técnica e à produção de bens, muda a posição do sujeito na cultura. Rompe-se com a tradição em nome da produção de novidades e assumimos, em definitivo, uma ciência feita sem interlocutividade. Como podem esses preceitos ser assumidos no exercício da educação? Diante desse contexto cultural, vemos surgir um discurso pedagógico que



pretende uma educação “pasteurizada”, livre dos impasses da subjetividade. Desse modo, o professor é convidado a tocar sua prática muito mais em torno da explicação, se desresponsabilizando progressivamente do laço com o aluno. Nesse sentido, aprofundamos nossa questão: é possível educar sem estar implicado subjetivamente com o aluno? É o que buscaremos responder no item seguinte.

Atravessamento pulsional no campo do saber

Na relação educativa, assim como em qualquer relação humana, os conhecimentos científicos e as técnicas advindas deles não são suficientes para dar conta do que se passa. Há que se considerar a imprescindível presença de um ato, o qual não é apenas ação nem comportamento, mas é implicação do sujeito que faz. Implicação diz respeito a engajamento, responsabilização. Quem toma a educação por ofício por certo já deve ter sido afetado por algo não contido nas teorias estudadas.

Chamo de arte aquilo que de mais pessoal aparece numa situação de transmissão. É ato de criação, depende das experiências de quem ensina. Esse termo é comum no campo educacional, tendo sido muitas vezes romantizado e aproximado a uma posição altruísta do professor ou relacionado à didática, ou seja, a métodos possíveis de ensino. Entretanto, tomo-o como referência a um modo de expressividade humana em que as dimensões ética e estética teimam em se fazer presentes e que, portanto, é atravessada pelo inconsciente de quem o faz, não podendo ser reduzida somente a sua dimensão racional consciencialista. A arte de ensinar está relacionada a um saber:

[...] que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo) (LAROSSA BONDIA, 2002, p. 27).

O exercício da educação exige trabalho psíquico criativo e, como tal, arrasta o sujeito que o faz para a transmissão de algo da sua verdade, assim como o pintor, que deixa uma marca única e extremamente particular em seus quadros ou tal como o músico, que a cada vez que toca sua música imprime nela particularidades. Porém,



à diferença do pintor, que tem tinta, pincel e quadro como instrumentos, e do músico, que se vale de um instrumento para fazer sua arte, o que sustenta a arte do educador é a fala, a qual carrega a posição subjetiva de cada um.

Nossa presença no mundo é impreterivelmente mediada pela linguagem e esta, conforme nos mostrou Lacan (1970, 1992), se insere em certas relações estáveis, que ele chamou de discurso. Está sempre em jogo em um discurso o sujeito barrado pela operação de constituição psíquica ($\$$); o significante mestre (S_1), que aparece como a marca fundadora do sujeito, para o qual ele sempre está referido e que vem do Outro, desde a constituição do psiquismo, fazendo com que sejamos atravessados por ele; o saber (S_2), cadeia de significantes que adquirimos ao longo da vida; e o objeto perdido de cada um (a), causa do desejo, aquele que funda o nosso desejo a partir da falta, que passa a nos constituir desde o momento em que nos lançamos à linguagem e, assim, abandonamos qualquer possibilidade de encontro direto com o real.

Lacan (1970, 1992) formulou cinco possibilidades de arranjo entre esses elementos que desembocariam em cinco diferentes maneiras em torno das quais nos articulamos para bordejar o real e fazermos laço. A essas maneiras, ele nomeou: discurso do mestre, discurso universitário, discurso da histórica, discurso do analista e discurso do capitalista. Não nos interessa aqui descrever as especificidades de cada um, mas sim articular dois pontos a esse respeito: 1) a partir dessa noção de discurso podemos observar o que está em jogo no laço social que, como tal, é sempre mediado pela linguagem; 2) o discurso pedagógico contemporâneo tende a posicionar-se entre o discurso universitário e o discurso do capitalista.

“Quando um mestre se dirige a um aluno para lhe transmitir um saber, ele põe em movimento uma dinâmica entre dois sujeitos”. Essa passagem de Lollo (2015, p. 57), para além do óbvio, parece querer nos lembrar que na educação o que está em jogo é um laço social, o que implica em dizer que este é atravessado por uma discursividade inerente ao uso da linguagem. Esse atravessamento indica que, na educação, como em toda formação de laço entre humanos, comparecem $\$, S_1, S_2$ e a , ou seja, para além da articulação dos significantes (S_2), permeiam no discurso as marcas do atravessamento pelo Outro, o desejo e a castração.

Desse modo, o saber que opera na educação não pode ser pensado como equivalente a conhecimento universal, uma vez que, ainda que possamos estar



referidos a este no ato de educar, sempre escapará um resto que dará notícias da particularidade de cada sujeito. Particularidade esta que provém do nosso inconsciente.

Assim, quando dizemos que há uma arte que se faz presente no ato de educar, estamos nos referindo a esse saber que é particular a cada um, que não sabemos que está ali, mas que, no momento do ato, se faz presente gerando efeitos de transmissão, assim como uma pintura na tela.

Na transmissão de saber, portanto, há um atravessamento do campo pulsional. Só se transmite saber se houver implicação dos sujeitos envolvidos. É nesse sentido que “o saber jamais se transmite de maneira integral e, sobretudo, da mesma maneira” (LOLLO, 2015, p. 56). A pulsão é uma energia psíquica constituída em nós em substituição aos instintos que nos faltam, ela nos direciona à produção de saber, já que, diferentemente dos outros animais, não nascemos com os saberes necessários à nossa sobrevivência. Por ela somos impulsionados ao encontro com o nosso objeto perdido (*a*) e por isso ela é apenas parcialmente satisfeita. Assim, a noção de satisfação que, como vimos em Freud é sempre sexual, está presente na produção de saber e, portanto, comparece na educação. É simples pensarmos nisso quando nos remetemos à curiosidade necessária ao aprendizado. Ela nada mais é que a busca de prazer via produção de saber. Porém, o discurso pedagógico contemporâneo visou apagar essa dimensão do humano pela devoção ao sujeito epistêmico, aquele que nada de sexual tem.

Nesse ponto podemos observar que há uma diferença entre o conhecimento - que já foi produzido por alguém, que faz parte da cultura e do compartilhamento dela - e saber, sempre particular, atravessado pelo pulsional. Essa diferença não implica em uma dissociação, mas, pelo contrário, na transmissão pela educação, conhecimento e saber se fazem presentes como partes complementares de um mesmo todo. Ao transmitirmos algum conhecimento, estamos transmitindo também nosso saber. O ponto que nos leva a precisar pensar nesses dois aspectos separadamente é quando se espera que a educação opere apenas em torno do conhecimento, renunciando às incertezas do saber, caminho trilhado pelo discurso pedagógico atual.



Nesse sentido, Freud (1914, 2006, p. 248) nos dizia: “é difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve importância maior foi a nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres”.

Com isso, ele nos incita a lembrar que na relação educativa comparece de maneira bastante importante o que é da ordem do saber e não só do conhecimento, ou seja, são as enunciações de um professor que, ao circularem, podem ser capturadas pelo aluno. Obviamente que, junto com tais enunciações, se transmite algo da ordem do conhecimento. Mas o que Freud quer sublinhar com estas palavras é que a abertura à aprendizagem não se dá pela relação direta do aluno com o conhecimento, ou seja, na educação escolar não basta confrontar os alunos com os enunciados da ciência. A transmissão que opera é a transmissão de saber e, junto com ela se transmite também conhecimento. E saber, como vimos, é sempre de alguém, está sempre encarnado em uma subjetividade.

É o que nos disse Lacan (1973, 1985, p. 130) ao referir que o “estatuto do saber implica, como tal, que já há saber e no Outro, e que ele é a prender, a ser tomado. É por isso que ele é feito de aprender”. O saber, portanto, circula nos discursos para que seja apreendido, prendido por alguém. Não há sentido no discurso sem que este se preste à transmissão.

É nesse sentido, ainda, que o conceito psicanalítico de transferência aparece como importante aspecto a ser pensado na educação, pois é indissociável da transmissão. Para Lacan (1973, 1985), no engajamento que estabelecemos com outra pessoa comparece o que ele chamou de “*hainamoration*²”, no amor e no ódio, tornando possível uma transmissão de saber. Essa transferência permite a formação de laço entre os sujeitos na cena educativa, abrindo espaço para a transmissão. O engate entre os sujeitos perpassa seus atravessamentos pulsionais, ou seja, quando um aluno toma o professor como possuidor de saber, algo desse professor o capturou. Essa captura diz respeito a seu inconsciente - significantes mestres, sua relação com a castração e o desejo - e, ainda que não seja percebido, gera efeitos na aprendizagem. “A questão do amor é assim ligada a do saber” (LACAN, 1973, 1985, p. 122).

Observamos, assim, que a educação não pode escapar ao que está em jogo em uma relação entre sujeitos: a linguagem. Esta é parte inerente à possibilidade de

² Neologismo criado por Lacan (1973), que foi traduzido para o português como amódio.



transmissão e, portanto, para educarmos dependemos dela. A linguagem nos separa de uma relação direta com o mundo, com os outros e com nós mesmos e, portanto, nos lança em uma realidade sempre simbolicamente mediada. Assim, jamais temos como prescindir do que vem junto com a linguagem: a subjetividade humana. É, portanto, problemática a ideia de que o sujeito da educação é o sujeito epistêmico, pois a linguagem não permite que abramos mão da incidência do inconsciente na relação educativa.

É nesse sentido, portanto, que entendemos que a tendência que se construiu nos discursos que circulam a educação é a de um professor que mais explica que implica.

Considerações finais

A professora de Joana, na passagem de Clarice Lispector que trouxemos no início deste artigo, poderia ter escolhido dar explicações objetivas acerca da pergunta da menina, contudo, ao ser pega de surpresa, intuiu que uma explicação formal não seria suficiente para a natureza da pergunta que a menina lhe fizera. Entretanto, isso não a fez deixar sua aluna sem uma resposta. Uma vez implicada com a educação da menina, a professora ali comparece no laço com sua aluna, como sujeito faltoso, barrado, racional e afetivo. À sua maneira, lhe transmite um saber.

A teoria psicanalítica nos permite pensar que a dimensão epistêmica é apenas parte de nossa função simbólica e não toda ela. É pelo simbólico que damos sentido às experiências vividas, estas só se tornam experiências quando incorporadas pelo sujeito a partir do sentido. Perpassa o sentido não apenas aquilo que faz parte da consciência, mas tudo aquilo que constitui o sujeito, o que inclui aspectos inconscientes. Portanto, o sentido que damos ao que vivemos sempre estará atravessado pelos significantes que nos constituem.

Isso significa dizer que na cena educativa vigora o laço do aluno com o professor, suas memórias e desejos, sua linguagem. Significa ainda que, uma vez que nossa existência simbólica nos permite representar o mundo, a educação não estará somente a serviço de um domínio da realidade, como requer o ideal epistêmico, mas também irá se prestar, inevitavelmente, à criação de sentido.

À criação de sentido a partir das experiências vividas e, portanto, à transmissão de saber, se faz necessário um engate do aluno com o professor. A



educação, portanto, é impreterivelmente algo que se passa entre sujeitos, o que nos impede de pensá-la fora da dialética subjetiva. Ser professor, no entanto, é uma função que está muito além do fornecimento de explicações - lugar este que se encaixa perfeitamente nos preceitos da cultura neoliberal contemporânea -, requer uma posição em relação às novas gerações, um engajamento, uma responsabilização, implicação. Enfim, um discurso pretende um professor que apenas explique é vazio de sentido, funciona mais na promoção de entraves que de mobilidade subjetiva, mais aliena que autoriza, rompe com o que há de humano em nós, põe em crise o uso autoral da palavra.

Referências

ARENDT, Hannah. **A condição Humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2011. (Coleção Debates).

CARVALHO, José Sérgio de. **Reflexões sobre educação, formação e esfera pública**. Porto Alegre: Penso, 2013.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.** n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2021.

FREUD, Sigmund (1913). **Totem e Tabu e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 2006

LACAN. Jacques. **O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN. Jacques. **O Seminário, livro 20: mais, ainda (1972-1973)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LEBRUN, Jean-Pierre. **Um mundo sem Limite: ensaio para uma clínica psicanalítica do social**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

LOLLO, Paolo. **Passagens: transmissão da psicanálise e direitos do homem**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2015.





Diálogo com Cartas: a escrita reflexiva e intuitiva

Professora Mestre Noyra Fonseca,

Professora da Educação Básica da rede municipal,
SEMED - São Luís e da Raposa.
noyramelonio@gmail.com

Para início de conversa...

O presente texto traz algumas reflexões acerca do registro, feito por meio de cartas, de uma experiência vivenciada em uma turma de 2º ano do Ciclo de Alfabetização, em 2018. Na ocasião, estando na condição de pesquisadora, elaborei uma proposta de intervenção que consistia, em parte, no processo de formação da professora participante da pesquisa. Contudo, a docente decidiu retirar-se do estudo, o que acarretou numa mudança de percurso.

Desse modo, foi preciso reestruturar a metodologia e o plano de trabalho e, nesse momento, percebi a necessidade de compartilhar a experiência com outras/os professoras/es alfabetizadoras/es. Assim, idealizei e construí um livro de cartas que me possibilitou dialogar com pessoas reais, que vivenciam cotidianamente situações semelhantes e que, assim como eu, podiam vir a partilhar as suas angústias, refletir e ressignificar as suas práticas. Busquei, por meio das cartas, suscitar no outro a compreensão ativa responsiva, ou seja, convidando-o a se posicionar diante das situações ali descritas.

Segundo Corsino (2015, p.402), "O ato responsivo que se dá no encontro e no confronto entre o eu e o outro, [...], apresenta uma dimensão social constitutiva, que tem a linguagem como mediação *sígnica* necessária". O gênero textual carta permite o diálogo a distância entre o emissor e um receptor conhecido, que é percebido "como *cúmplice*, [...], capaz de extrair a dimensão expressiva da mensagem" (KAUFMAN; RODRÍGUEZ, 1995, p.37, grifo das autoras). Isto implica dizer que o diálogo não se configura como uma estrutura rígida, limitado a questões de ordem lógica, linguística ou psicológica e, muito menos, se efetiva por meio da

compreensão passiva, na qual o receptor (ouvinte/leitor) apenas decodifica a mensagem (o escrito).

Acredito que a carta se tornou um registro essencial e acessível, uma vez que permitiu o encontro com muitas vozes e ampliou o debate acerca de questões que, na maioria das vezes, são esquecidas ou ignoradas pelos Sistemas de Ensino, os quais, constantemente, disponibilizam formações ineficazes, no sentido de permitir a reflexão sobre a prática e distantes das problemáticas vivenciadas cotidianamente pelas/os professoras/es alfabetizadoras/es.

A carta como registro de experiências formativas

Ao pensar em como poderia compartilhar com outras/os professoras/es alfabetizadoras/es Brasil afora, a experiência vivenciada em uma turma do 2º ano do ciclo de alfabetização, deparei-me com a possibilidade de escrever cartas. Contudo, não busquei discutir, nesses escritos, sobre concepções ou teorias de ensino e, tampouco, apontar soluções mágicas para os problemas que enfrentamos diariamente em nossas salas de aula. A intenção era deixar transparecer o que vivi e senti durante o desenvolvimento da minha pesquisa, ou seja, minhas impressões e percepções. Assim, surgiu o livro *Cartas aos/às Professores/as Alfabetizadores/as: diálogo sobre uma experiência de intervenção no 2º ano do Ciclo de Alfabetização*¹, um espaço destinado à reflexão e autoformação.

Destarte, trarei alguns trechos de cartas para que possamos aprofundar o debate acerca desses registros e ampliar o diálogo em torno da formação das/os professoras/es alfabetizadoras/es.

Na primeira carta, intitulada, **Como tudo começou...**, sinalizo o que me motivou a buscar o mestrado profissional e, conseqüentemente, a pesquisar sobre o processo de alfabetização de crianças.

[...] a verdade é que eu continuava angustiada por mudanças na minha prática. Perdida e confusa, eu precisava encontrar (sozinha) novos caminhos que não fossem aqueles sugeridos em apostilas ou manuais. Então, no segundo semestre de 2015, me lancei ao desafio da investigação, tendo como ponto de partida um estudo voltado para a área da leitura, mais precisamente o ensino da leitura no Ciclo de Alfabetização. (FONSECA, 2018, p.128-129)

¹ Produto da pesquisa de mestrado.



Acredito que o mestrado profissional, até certo ponto, trouxe luz a questões que me causavam angústia e insegurança. Durante toda a investigação, que envolveu o estudo profundo e exaustivo do meu objeto, passei a compreender a natureza da leitura e da escrita, bem como os fundamentos teórico-epistemológicos e metodológicos indispensáveis ao processo de ensino-aprendizagem. Deste modo, ao idealizar uma proposta de intervenção, visei proporcionar momentos de formação pautados no diálogo, me colocando não como pesquisadora - que após as observações, apenas pontua o que precisa ser feito - mas como parceira, ou seja, alguém disponível a compartilhar conhecimento e a aprender junto, num processo de reflexão-ação-reflexão.

Todavia, esse caminhar não se deu de forma tranquila, a desistência da professora regente foi um grande divisor de águas. Na segunda carta, **Em busca de caminhos...**, descrevo os sentimentos que emergiram diante daquela situação e como pude dar prosseguimento ao trabalho que seria desenvolvido na turma do 2º ano.

[...] confesso que senti: medo, insegurança, incapacidade, desânimo, tristeza e até vontade de desistir. Não seria fácil estar do outro lado; me tornar sujeito da pesquisa era algo que eu jamais, em hipótese alguma, pensaria. Penso que, talvez, esse fosse o mesmo sentimento da professora, daí ela ter desistido de participar da etapa de intervenção. (FONSECA, 2018, p.133)

A sensação era de frustração, porém acredito que a mudança de rumo trouxe algo mais significativo. Estar no lugar da professora era desafiador e por isso, precisei passar por um processo de autoformação, algo imprescindível para alcançar os objetivos traçados. Isto também possibilitou momentos de reflexão e ressignificação da minha prática. A situação, antes vista como um problema, tornou-se a solução, não apenas para mim, mas, principalmente, para as crianças.

Aquela turma, que acompanhei por praticamente três meses, merecia experimentar tudo o que havia sido planejado anteriormente; as crianças tinham o direito de vivenciar o novo, de saborear algo diferente. Por elas, que vi muitas vezes angustiadas com exercícios que não conseguiam realizar, é que me determinei a dar continuidade e concluir este projeto. (FONSECA, 2018, p.133-134)

Portanto, não seria justo negar, àquelas crianças, um ensino que lhes permitisse contato com a língua viva, acesso à textos variados que circulam no dia a



dia, que são produto da interação social. De acordo com Bakhtin (2011), nos apropriamos da linguagem por meio de enunciações concretas que ouvimos e reproduzimos na comunicação discursiva com as outras pessoas.

Assim, compartilho na carta, **Lendo, escrevendo... dialogando**, o que realizei e pude vivenciar durante os três meses de intervenção na turma do 2º ano. Busquei suscitar nas crianças o interesse por situações reais das quais elas fossem coautoras. Organizei o trabalho em sequências didáticas com base nos gêneros textuais, sendo que a planificação das atividades era pensada coletivamente a partir das necessidades que surgiam. Vejamos um trecho em que descrevo essa parceria:

Questionar as crianças sobre o que gostariam de viver e fazer nesses momentos foi essencial para dar prosseguimento à Proposta de Intervenção vislumbrada, [...].

Dentre as sugestões dadas pelas crianças, a mais relevante e que deu vida e forma à nossa Proposta, foi a construção de um Cantinho da Leitura. Essa ideia foi concretizada com base no trabalho com gêneros textuais. (FONSECA, 2018, p.139-140)

Algumas/Alguns professoras/es podem estar se questionando o porquê de elaborar uma proposta a partir do que as crianças querem aprender e não daquilo que julgamos ser necessário que elas aprendam. Mas, dada as circunstâncias, busquei priorizar quem realmente sabia o que precisava, quem vivia angustiado por não saber ler e escrever, os verdadeiros protagonistas do processo.

Geralmente, a escola tem fracassado no que diz respeito a formação de leitores e produtores de texto por não oportunizar situações que sejam significativas e que permitam à criança se apropriar de um conhecimento ou de uma prática. Isto era algo visível naquela turma, pois as tarefas eram pautadas na decodificação e na decifração de palavras. E o problema não está em saber reconhecer letras/sílabas/palavras, haja vista a necessidade dessa compreensão no início do processo de aprendizagem da escrita. O que se discute é a ênfase dada a esse processo de reconhecimento, que impossibilita a criança de ser o que ela é, um ser social e histórico.

Essas análises, feitas ao longo de seis cartas, foram cruciais para a ressignificação do meu trabalho, da minha prática e da minha postura em quanto professora alfabetizadora e pesquisadora. Ao escrever esses textos, nos quais rememoro as situações vivenciadas, pude dialogar de forma mais próxima, até



íntima, com meus interlocutores, deixando transparecer minhas fragilidades e potencialidades de uma maneira despretensiosa, buscando apenas um acalanto para mim e tantas/os outras/os professoras/es que, na maioria das vezes, encontram-se solitários em suas salas de aulas.

Reflexões finais

As circunstâncias nem sempre são favoráveis, mas diante do imprevisível o que nos resta a fazer é tomar um novo rumo e seguir firmes ao nosso propósito. Foi desta forma que surgiu a brilhante ideia de construir um livro, direcionado as/aos professoras/es alfabetizadoras/es, adotando como gênero textual a carta. Nada mais conveniente, haja vista tudo o que tenho estudado, discutido e militado, quanto ao ensino da leitura e da escrita.

Isto me possibilitaria dialogar com pessoas reais, que convivem diariamente em suas salas de aula com as mesmas situações presenciadas e vivenciadas na turma do 2º ano. Em cada uma das cartas tive a oportunidade de refletir de forma mais subjetiva sobre tudo o que realizei e o que deixei de realizar nesse processo, e isso é o que de fato me motivou a produzir o Livro. Por meio desse registro escrito, busquei compartilhar as dificuldades e desafios enfrentados durante a realização da pesquisa, bem como os seus resultados, a partir das minhas percepções.

Reconheço que esse processo de criação não foi fácil e, tampouco, simples, embora seja uma grande entusiasta desse gênero. Seria preciso analisar os mesmos dados, as mesmas situações, mas sob uma nova ótica. Contudo, à medida que as cartas tomavam forma, o olhar era redirecionado. Tratava-se de um registro que utilizava a mesma base de informações do texto da dissertação, mas totalmente diferente na abordagem. E essa diferença não estava apenas no gênero textual, todo o texto foi construído tendo em vista captar as impressões dos sujeitos envolvidos e suscitar no leitor o sentimento de pertencimento, ou seja, que aquelas situações ali descritas eram as de muitas/os outras/os professoras/es e alunas/os.

Estar diante desse projeto foi desafiador, porém gratificante. Durante a intervenção, busquei romper com o silêncio e o isolamento das crianças ocasionado por um ensino metodista. Proporcionei momentos de interação e diálogo entre elas, o que gostaria de ter realizado juntamente com a professora regente. A partir dessa



experiência, pude perceber que a falta de espaços de diálogo na sala de aula, onde nem sempre é dado às crianças o direito de falar o que pensam e de refletir sobre o dito, é resultado da nossa postura, nós, enquanto professoras/es, também não sabemos como fazê-lo, pois a nossa fala, por muitos anos, foi tolhida e, assim, nos tornamos apenas reprodutores de ideias e concepções.

Posto isto, espero que não concordem com tudo o que explanei em minhas cartas, pois desejo que estas incitem ao debate livre, que rompam com o silêncio imposto pelo medo de se posicionar diante do escrito, de duvidar ou de questionar uma ideia, um ponto de vista. E, se possível, que se multipliquem e gerem novos espaços de diálogo.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

CORSINO, Patrícia. **Entre Ciência, Arte e Vida: a didática como ato responsivo**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 399-419, abr./jun. 2015.

FONSECA, Noyra Melônio. **A leitura e a escrita como atos interdiscursivos: implicações para a prática alfabetizadora**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.



Material produzido no âmbito do Subprojeto de Alfabetização do Programa Residência Pedagógica do Curso de Pedagogia – UFMA e em parceria com a Creche Escola Maria de Jesus Carvalho, a UEB Henrique de La Roque Almeida e a UEB Raimundo Chaves.

